

A FAMÍLIA,
O ESPÍRITO
E O TEMPO.

Autores Diversos

EDIÇÕES U.S.E.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A FAMÍLIA, o ESPÍRITO E o TEMPO



INDICE

PREFÁCIO.....	9
<i>ARY LEX</i>	
— INTRODUÇÃO —	
A FAMÍLIA EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	13
<i>ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO</i> A Família, o Espírito e o Tempo	
HISTÓRIA DA FAMÍLIA	19
<i>ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO</i>	
Visão Antropológica	20
Família na Europa—Séculos XVI a XIX.....	22
Família no Brasil Colônia	24
Família de um Imigrante	26
Panorama Familiar e Cultural dos Descendentes de um Imigrante Italiano (6)	28

Comentários.....	29
FAMÍLIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE.....	33
<i>MÁRCIA JUSTINO ROSSINI MUTTONI</i> — Introdução	33
II — Evolução do Sentimento Familiar e Religioso .	34
III — O Sentimento Religioso — Conceitos	40
IV — Modelo Familiar a partir das Posturas Religiosas.....	43
V — Consequências e Implicações Sociais Decorrentes destas Posturas.....	44
<u>8</u> _____ <u>AUTORES DIVERSOS</u> _____	
UMA VISÃO SOCIOLOGICA DA FAMÍLIA ...	51 <i>CLODOALDO DE L. LEITE</i>
Estrutura das Principais Instituições Sociais	52
Variações na Organização da Família.....	55
A Família Quanto ao Número de Cônjuges.	56
Brasil Espírita e a Família	57
EVOLUÇÃO JURÍDICA DA FAMÍLIA.....	61
<i>MARÍLLA DE CASTRO</i>	
Família Romana: Direitos e Deveres	62
Limitando o Poder	64
O Espiritismo e os Papéis dentro da Família	65
Brasil — Homens e Mulheres.....	66
Igualdade <i>versus</i> Chefia da Família	68
O Código Civil e os Deveres do Marido e da Mulher ...	71
Os Filhos.....	73
Conclusão	76
FAMÍLIA - VISÃO PSICOLÓGICA.....^.....	79
<i>ELAINE CURTI RAMAZZINI</i>	
A AFETIVIDADE E A FAMÍLIA	89
<i>CYRO JOSÉ FUMAGALLI</i>	
O Relacionamento Afetivo	95
FAMÍLIA SISTÊMICA	101
<i>ADALOIZA CAMPOS BALIEIRO</i>	
O DIRIGENTE, O TRABALHADOR E A SUA FAMÍLIA.....	123
<i>JOSE ANTONIO LUIZ BALIEIRO</i>	
FAMÍLIA - PROCESSO DE REEDUCAÇÃO (I)	131
<i>ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO</i>	
FAMÍLIA - PROCESSO DE	

PREFÁCIO

O desembargador Saboya Lima, presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, já dissera em discurso na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1947, que o “o Estado não tem elementos para, por si só, resolver o problema da família”. Sua função seria “restaurar as células familiares ameaçadas e criar uma consciência viva e permanente de solidariedade social”.

Os pais não devem esperar, unicamente da Escola, a formação moral e intelectual de seus filhos. A responsabilidade dos pais em educá-los é muito grande e não pode ser transferida à Escola, como muitos querem fazer. Deixam os filhos o dia todo nela, para se livrarem de seu dever de educadores. Como diz Iolanda Húngaro, no livro “Família e Espiritismo”, a “aprendizagem social tem início na família, primeiro grupo do qual a criança faz parte”. E aí que ela começa a assimilar padrões de comportamento, que lhes serão úteis para toda a vida.

A pedagogia espírita difere das demais, porque estas focalizam o indivíduo como vivendo apenas esta encarnação, enquanto o espírita vê no educando um espírito reencarnado, que traz de outras vidas qualidades e defeitos. As primeiras devem ser aprimoradas, enquanto os defeitos precisam ser combatidos com muito amor, tino e dedicação. Ninguém melhor do que os pais para fazê-lo.

Nos últimos decênios, tem havido uma progressiva desagregação da família. Contribuiu para ela o êxodo rural, iniciado na década de 40, quando um número imenso de famílias rurais mudou-se para as grandes cidades, sem condições para enfrentar a vida nesses centros, principalmente por não possuírem habilitação profissional. O problema se agravou, nas décadas seguintes, com a vinda, para o Sul, de milhares de famílias nordestinas, castigadas pela seca e pelo abandono dos governos. Os homens não assumiram a responsabilidade pelos filhos e passaram a abandoná-los e a gerar novos filhos, com parceiras variáveis. Disso adveio o problema gravíssimo do menor abandonado, do menino de rua, transformado depois no menor delinquente.

A criminalidade, a violência e o uso de tóxicos vêm aumentando rapidamente. Os governos federal, estaduais e municipais tentam medidas paliativas, que não têm dado o resultado esperado.

Nas classes melhor situadas, surgem movimentos reivindicatórios ou de protesto. Militantes extremistas se infiltram nas escolas superiores e de grau médio, levando os moços a combaterem todas as tradições e normas de conduta, auxiliados pelos maus exemplos dos meios de comunicação. A família é repudiada, os ensinamentos de ordem moral são repelidos. Os

pais, entes amados, passam a ser considerados ultrapassados, arcaicos ou *quadrados*. Toda autoridade é menosprezada.

Nós, os espíritas, que sonhamos um mundo melhor, mais cristão, onde haja solidariedade, ficamos deprimidos, sem agir. Esquecemo-nos do Cristo, quando diz: “vós sois a luz do mundo e o sal da terra”. Sentimos que é necessário e urgente um trabalho em prol da valorização da família.

Em boa hora, já em 1980, a USE, pioneira nessa valorização, promovia a “Campanha Integração da Família”. Dirigiu-se à Federação Espírita Brasileira, propondo uma campanha de extensão nacional. Após análise por Comissões Regionais, foi a campanha aprovada pelo Conselho Federativo Nacional, em 6 de novembro de 1993. Dois dias após, houve o lançamento oficial, pela FEB, no Senado Federal.

A 8 de dezembro de 1989, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou 1994 como o “Ano Internacional da Família”, visando dar base à família, “a menor democracia no coração da sociedade”.

A USE lançou-se, de corpo e alma, na Campanha “Viver em Família” e realizou um seminário, nos dias 29 e 30 de janeiro de 1994, onde foram apresentados vários temas relativos à família, sendo a Comissão Estadual reponsável para programar as atividades. Desse seminário resultou a publicação pela USE de livro muito oportuno — “Laços de Família”. A propósito da Campanha, foi reeditado “Família e Espiritismo” e surgiu “O Idoso no Centro Espírita”.

Os trabalhos da Campanha culminaram com a realização de novo seminário, nos dias 3 e 4 de setembro de 1994, com o tema central “A família, o espírito e o tempo”, com sete sub-temas de grande atualidade. Esses temas são os assuntos que constam deste livro. Oportunos, expostos em linguagem clara e adequada, merecem a atenção dos espíritas, em geral, e dos dirigentes de Centros Espíritas, em particular, pois nenhum deles poderá se ausentar do trabalho na Campanha “Viver em Família”.

São Paulo, setembro de 1994.

Ary Lex

- INTRODUÇÃO - A FAMÍLIA EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

A família pode ser analisada desde a ótica dos mitos, em função de sistemas religiosos onde a mãe era o principal progenitor, ou seja, a fonte. A Grande Deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da Mesopotâmia. No Egito, a deusa Nut era representada como sendo a esfera celeste. Desde as sociedades tribais e agrárias, a organização da família tem vinculação com a relação entre os grupos humanos e as questões econômicas.

A chamada família nuclear seria um grupo doméstico. A família pode também ser encarada como uma unidade de referência: o lar, o domicílio, o destino certo. Sem família não há sociedade. Esta sofre os efeitos do sistema econômico-social e ético em que se encontra inserida. O lar, além de assegurar a conjugação sexual e a reprodução dos seres, também reproduz fisicamente o sistema, em consequência das interações com a sociedade e atua como espaço de convivência, de solidariedade e de amor.

Na cultura latina, a família tem a base patriarcal e, no caso da família brasileira, a origem européia se fez sob o controle da educação jesuítica e sofrendo influências da miscigenação com os índios e os negros e, nos últimos cem anos, das várias correntes de imigrantes.

Esse amálgama de culturas e de tradições aflora no relacionamento familiar. Daí, a importância da análise psicológica, a partir da visão de um sistema de laços emocionais e valorizando o valor da qualidade da vivência em comum. Com o amadurecimento, a afetividade surge como força de sentimentos edificantes, conduzindo o ser humano para o ápice do sentimento, que é o amor.

As transformações de nossa sociedade, como a valorização da mulher e sua participação no mercado de trabalho, a disseminação do planejamento familiar, o destaque à infância e a valorização da escolarização influem diretamente no ambiente do lar e da família em geral. O desenvolvimento jurídico assegurou direitos à mulher e proteção ao instituto familiar.

Há crises, mas caracterizadas pela ultrapassagem do relacionamento familiar calcado no autoritarismo. A isto, soma-se o fato quase generalizado do desamparo das religiões tradicionais às rotinas e necessidades familiares, presas a cultos e serviços rituais. Emergem propostas para que a sociedade civil se organize para se revigorar a família. Há necessidade de se controlar ímpetos do individualismo e de se valorizar os valores da solidariedade. A relação entre organização familiar e educação também se reflete no desenvolvimento de nações.

Sem dúvida, o Espiritismo, como uma religião humanista, tem muito a contribuir para a formação de famílias em clima democrático e participativo. O entendimento do outro como ser imortal e livre estabelece bases para novas formas de relacionamento interpessoal. Inclusive com validade para as ações internas do movimento espírita, pois a família e o lar devem merecer a atenção como cenário de convivência com o nosso próximo mais próximo.

Repensar a família é rever-se o ser existencial, o homem integral. Neste ambiente de transição de padrões familiares, o conceito de família sistêmica aparece como proposta para identificação e aceitação das relações entre seus componentes e da integração do organismo familiar. Assim, a família passa a ser vista como um organismo vivo, participante de um sistema, num contínuo processo de interação com o meio. Por outro lado, o entendimento da reencarnação amplia a visão sobre os problemas e limitações da convivência familiar e do relacionamento com a sociedade. No espaço comum do lar a família deve funcionar como

um todo.

Ao ensejo do “Ano Internacional da Família”, proposto pela ONU para se refletir sobre os recursos e responsabilidades da família em um mundo em transformação, e embalados pela Campanha “Viver em Família”, um grupo de estudiosos e de preocupados com os temas de família, se engajou com a Comissão Estadual para a citada Campanha, sob o patrocínio da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

A Família, o Espírito e o Tempo

Com o objetivo de analisar o processo histórico do Espírito e a evolução dos laços de família, a Comissão Estadual da “Campanha Viver em Família” planejou um seminário, s.m.j., inédito no meio espírita pelas abordagens — “A família, o espírito e o tempo”. Tais assuntos também se inserem no tema central do 9º Congresso Estadual de Espiritismo — “O Espiritismo no pensamento e na ação”.

O seminário ocorreu nos dias 3 e 4 de setembro de 1994, na sede da USE, na capital paulista, dirigido por Célia Maria Rey de Carvalho, coordenadora da Comissão Estadual. A abertura foi realizada por Atílio Campanini, presidente da USE, e o encerramento contou com a participação do dr. Ary Lex. O programa do evento desenvolveu-se com exposições, seguidas de perguntas ao final de cada período. No encerramento ocorreu o painel “Família — processo de reeducação”.

Os participantes do 2º Seminário foram representantes das USE’s Regionais. Vídeos e palestras-sínteses deste evento foram apresentados durante o mês de outubro, em nove encontros regionais preparatórios para o 9º Congresso Estadual de Espiritismo, com objetivo de subsidiar o estudo do módulo “O lar espírita”.

As matérias desenvolvidas durante o seminário “A família, o espírito e o tempo” compõem o presente volume.

HISTÓRIA DA FAMÍLIA

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

No desenvolvimento do 1º Seminário para Formação de Equipes para a Campanha “Viver em Família”, abordamos o tema “Visão Histórica dos Laços de Família”, incluído na obra “Laços de Família”(3). Na oportunidade, situamos os laços de família como relacionados às tradições e costumes de cada povo. Referimo-nos à base patriarcal da cultura religiosa judaico-cristã, e fixamo-nos no mundo ocidental e mais especificamente latino, a partir do século XV, estabelecendo as influências do cenário europeu sobre a colonização do Brasil. A evolução da família no país foi analisada em função da educação jesuítica, da miscigenação com os índios e os negros e, após a libertação dos escravos, com a chegada dos imigrantes de vários países.

*

•

Para a abordagem da história da família em nosso país, parece-nos oportuno situarmos quatro cenários: visão antropológica, Europa — séculos XVI a XIX, Brasil Colônia e uma família de imigrantes. Mesmo numa abordagem rápida, cremos que o conjunto dos panoramas permitirá o entendimento da evolução da família, pelo menos no Estado de São Paulo, pois, num país continental como o nosso, há situações muito heterogêneas. Esta rápida retrospectiva deverá suscitar reflexões sobre situações semelhantes na atualidade.

Visão Antropológica

A antropologia se dedica à teoria geral do fenômeno humano, procurando reconstituir os caminhos percorridos pelo homem até chegar a ser o que é, analisando a escala de variação dos modos de ser e dos comportamentos do homem atual. Está voltada diretamente para a análise das diferenças, das formas alternativas de organização das sociedades. Através do estudo comparativo, mostra que as sociedades diversas concebem e combinam de forma variável o casamento, o parentesco, a residência e a vida doméstica.

Do ponto de vista antropológico, os sistemas de parentesco constituem em arranjos e combinações de três relações básicas: de descendências (pai/filhos e/ou mãe/filhos); de consan- guinidade (entre irmãos) e de afinidade (criadas pelo casamento). A questão pode ser analisada no contexto de sociedades patrilineares, onde a mãe é receptáculo do filho e o parentesco é traçado pela linha paterna, sendo o lado materno uma relação de afinidade; nas sociedades matri- lineares, nega-se o papel masculino na concepção, nega-se a figura do pai, que é apenas o marido da mãe. Em algumas tribos indígenas do Brasil, de tradição patrilinear, todos os homens solteiros e casados dormem na casa dos homens; as casas coletivas são ocupadas pelas mulheres, suas filhas e pelos filhos, enquanto pequenos.

Na sociedade ocidental há predominância da tradição patriarcal, mas com nítidas influências matriarcais. Em geral, o homem sempre atuou na esfera pública (guerra e política) e a mulher na esfera doméstica, afeita à reprodução e ao cuidado com as crianças.

Do ponto de vista antropológico, o grupo natural na sociedade humana seria “formado pela mulher e sua prole imatura” e também comenta-se que as relações sexuais, além do papel na reprodução, “não criam obrigatoriamente vínculos duradouros” ao contrário da amamentação. Assim, as sociedades regulamentam o casamento, variando a intensidade e a permanência dos laços que cria. Desta maneira, a vida familiar implica sempre em alguma forma de controle da sexualidade(2). O conceito de família está ligado a grupos sociais concretos e relacionado ao modelo cultural e à sua representação em nossa sociedade. O termo família pode significar toda a rede de parentesco e afinidade. Culturalmente, a família é definida em nossa sociedade como a família conjugal ou nuclear. A família nuclear é um grupo doméstico.

Para a antropóloga Durham(2), o que vem ocorrendo é o “enfraquecimento dos laços de

parentesco e o conseqüente isolamento do grupo conjugal, mas não pode ser interpretado diretamente como enfraquecimento da família”.

Família na Europa-Séculos XVI a XIX

A chamada família moderna desenvolveu-se no século XVI, caracterizando-se pelo recolhimento à intimidade do lar. Até então, parentes em geral, afilhados e amigos próximos eram considerados da família e coabitavam casas grandes, mesclando-se ainda atividades comerciais, profissionais e sociais(1).

As mulheres eram anuladas, retraindo-se a atividades domésticas. Mesmo o sentimento materno não foi idêntico em todas as circunstâncias. Os homens eram muito ausentes do lar, inclusive em função de viagens comerciais, guerras e as longas navegações. Havia nítida preocupação com a linhagem familiar.

As famílias geravam muitos filhos, mas também a mortalidade infantil era elevadíssima. Até, de certo modo, havia um infanticídio tolerado. As crianças eram consideradas adultos em miniatura e alvo de distrações. Grandes alterações nas famílias ocorreram com o desenvolvimento das escolas. Estas passaram a substituir a aprendizagem natural como meio de educação e a educação da criança foi tema das obras de Rousseau, Pestalozzi e, no nosso caso, do prof. Rivail (o futuro Allan Kardec).

A Igreja de Roma e as universidades também exerceram grandes influências nas famílias. Na Universidade de Paris, as lutas entre ordens religiosas servia para manter a liberdade de ensino. Durante alguns reinados da França, essa universidade sofreu interferências, transformando-se em “fortaleza da fé e da ortodoxia católica”. Com o advento da Reforma, intensificaram-se as lutas entre os defensores do ensino confessional e do ensino laico. Pensadores ligados às Igrejas Reformadas, como Pestalozzi, apregoava que “a verdadeira educação é a moralidade”. Napoleão provocou uma reforma da legislação do ensino na França, inclusive com o objetivo de laicizar o ensino institucional. A Universidade de Coimbra foi submetida aos preceitos educacionais dos jesuítas até as reformas pombalinas do século XVIII. Por outro lado, as universidades inglesas pioneiras se mantiveram independentes da tradição católica romana(5).

Nos séculos XVII e XVIII eram publicados diversos livros contendo regras de cortesia e de moral, principalmente na França. Ao mesmo tempo, a Igreja de Roma controlava a vida familiar de seus seguidores, com os sacramentos e com as uniões com os reinos e os ducados. Na realidade, a Igreja de Roma tentava coadunar o domínio da sexualidade com a “salvação”.

Família no Brasil Colônia

A família, no período colonial de nosso país, sofreu o controle da Igreja e, mais especificamente, dos jesuítas, que eram responsáveis pelo sistema educacional.

Mary Del Priore(7) procedeu a metódica pesquisa em documentos oficiais e em

arquivos da Igreja no âmbito da província de São Paulo, levantando dados históricos muito importantes para a compreensão da vida familiar na Colônia.

Para a Igreja, o casamento na Colônia era razão de Estado, pela necessidade de povoamento das capitanias e também por questões de segurança e controle social. A família era, portanto, cenário de profundas interferências nos comportamentos, inclusive impondo à mulher o recolhimento e o papel de mãe devotada. Frases da época são registros importantes: “Considerai os estragos que tem feito no mundo o pecado da desonestidade e achareis que as mulheres foram a origem”(Vieira), ou ainda os alertas do confessor Cristóvão de Aguirre, incitando à continência dentro do casamento, em publicação de 1681. Os manuais portugueses de casamento deixam claro que a mulher era um “veículo de perdição da saúde e da alma de seus cônjuges”(7).

Pequena parte das maternidades era vivida no cenário das relações lícitas, geralmente pertencendo à elite da Colônia. Nas províncias brasileiras, grande parte das mulheres pobres vivia ao sabor de corriqueiras uniões consensuais.

Neste contexto, a Igreja agilizava processos para recompensar “arrepentidas” da “virgindade roubada”, para garantir o seu objetivo institucional de difundir o casamento.

As crianças circulavam entre as casas, sendo criadas por comadres, vizinhas e familiares. Assim, o infanticídio, o abandono ou a circulação de crianças pequenas entre vizinhas e comadres à espera de dias melhores na vida de suas mães eram uma constante no cotidiano das mulheres da Colônia.

Outro aspecto com influências na vida familiar eram as ausências masculinas do lar, em busca de riquezas. A cidade de São Paulo, no século XVII, sofria o deslocamento constante de seus homens, solteiros e casados, em busca de melhores oportunidades de sobrevivência. Documentos do período dão conta que a cidade, “caracterizada por uma enorme população de bastardos e ilegítimos, era um reflexo de maternidades engendradas longe das admoestações clericais em favor do casamento. A lista nominativa do bairro do Pari, em 1765, chega a mencioná-lo pela sua peculiar constituição — quase toda gente bastarda”(7). A esse tempo, durante o governo de Morgado Matheus, a taxa de celibatários era de 34,3% e o desequilíbrio entre os sexos, provocado pelos deslocamentos dos homens, deixavam as mulheres em maioria que, muitas vezes, aumentavam a prole com filhos de outros eventuais companheiros. Os filhos legítimos e ilegítimos viviam como irmãos, à sombra das mães às quais se uniam.

Os laços que uniam mães e filhos já estavam tão estabelecidos que não se podia visualizar a maternidade sem doses de dor, de sofrimento e de altruísmo. Para a Igreja, apenas nas dificuldades da vida conjugal e no sofrimento das dores do parto, encontrava-se a redenção dos pecados. Para completar o cenário, de acordo com os conhecimentos da época, o parto era acompanhado, muitas vezes de sangrias com finalidades terapêuticas, o que levava a muitas mortes por esgotamento. A maternidade era uma fatalidade, uma

espécie de vocação única da mulher.

Desta maneira, a feminilidade consentida e delineada pela Igreja foi feita à luz do interesse da moral cristã no Ocidente e, mais especificamente, para as Colônias. Comenta Del Priore: “o exemplo materno e a pedagogia pietista foram a base de uma educação que valorizou o casamento e a propagação legítima com fins de povoamento e de organização de um novo mundo nos trópicos”(7).

Família de um Imigrante

A abolição da escravatura no Brasil e as dificuldades econômicas do Sul da Itália estimularam a vinda de muitas famílias italianas. São Paulo recebeu um grande contingente de imigrantes a partir de 1890, com predomínio de italianos. Na capital paulista, fixando-se no Brás, Mooca e Lapa, foram agentes importantes do nascente parque industrial. No interior do Estado, atuaram na abertura de fazendas, acelerando a cafeicultura.

Entre os imigrantes, um jovem de 13 anos saiu da Calábria em 1894, para localizar seu pai na Argentina ou no Brasil. A partir de agora, sintetizaremos a evolução da família de Gaetano(6) em nosso país.

O imigrante fixou-se com os pais em São Carlos(SP), onde se casou com uma imigrante da mesma província italiana, no ano de 1899. Em seguida, o jovem casal estabeleceu-se em Taquaritinga, onde atuou como artesão, comerciante e com envolvimento em política. Voltou com a família para a Itália, onde viveu e trabalhou por 2 anos. No retorno ao Brasil, fixaram-se por três anos em São Carlos, mudando-se outra vez para a Itália. O casal teve 18 filhos, sendo que 5 nasceram na Itália e 5 faleceram ainda crianças. O falecimento de Gaetano, na Itália, e a desvalorização da lira italiana provocaram o retorno definitivo da família para São Carlos. A essa altura, os dois filhos homens mais velhos estudavam em faculdades. A nova situação familiar, e a crise econômica de 1929, levou todos ao trabalho e ao interesse pelo estudo.

Os filhos do imigrante — 2ª geração —, se espalharam por outras cidades do Estado de São Paulo e também por um Estado sulino, concentrando-se, posteriormente, na capital paulista. O quadro a seguir oferece um panorama global sobre a família.

1899 - 1994						
Gerações	Período	Tempo	Descendência	Média filhos	Instr. média	Instr. super.
1ª	casamento	1899	casal	--	--	--
2ª	nasc.	1900-1922	18 filhos	3,0	6	2
3ª	nasc.	1923-1965	43 netos	2,1	12	26
4ª	nasc.	1948-...	73 bisnetos	2,0	**	35**
5ª	nasc.	1974-...	27 trinetos	--	**	1**

** Completo e/ou em andamento

Sempre lutando, com afinco e muito labor, fortaleceu-se também o ambiente familiar com marcas assinaladas pelo casal-tronco: união familiar, solidariedade, alegria e, sem dúvida, o cultivo de tradições italianas. A afetividade em famílias italianas tem características fortes e peculiares.

Quase um século após o casamento dos imigrantes italianos que deram origem à numerosa família, essas traços estão bem presentes no relacionamento familiar, apesar da grande rami-

Panorama Familiar e Cultural dos Descendentes de um Imigrante Italiano (6) ficção e do natural enlaçamento com inúmeras outras famílias.

Comentários

A família moderna que se desenvolveu nos países da Europa criou condições para o desenvolvimento de um ambiente de intimidade do lar, de preocupações educacionais com a criança e o início de uma delimitação para a família nuclear.

Em virtude do isolamento cultural e religioso de Portugal, do desrespeito e da devassa que a Inquisição impunha aos lares e do controle da Companhia de Jesus, do tipo de tratamento dispensado às Colônias, e da miscigenação entre três povos distintos, a família brasileira teve um desenvolvimento muito atrasado em relação à Europa e às próprias Colônias nas Américas, de influência espanhola e, principalmente, inglesa.

Em nosso país, somaram-se as influências dos indígenas e dos negros.

A análise da evolução da família do imigrante italiano, mostra que as tradições sócio-cultu-rais de uma família podem sobrepujar as características do país hospedeiro. Outra faceta dos imigrantes, evidente no caso relatado, é a vontade do retorno ao país de origem.

Isso revela que num país de dimensões continentais e com correntes migratórias variadas, mas fixando-se predominantemente nos Estados então arrolados como do Sul, apresenta uma grande heterogeneidade no tocante a tradições familiares e que, sem dúvida, influenciam no relacionamento familiar. Portanto, falar sobre história da família no Brasil é assunto complexo, pois depende dos fatores sócio-econômico-culturais de uma determinada região e, além disto, de eventuais traços culturais preponderantes de países de origem de imigrantes.

Todavia, no geral, há compatibilidade com a evolução social. Desde o final do século XIX há um movimento da sociedade brasileira em busca de educação e de formação técnica. Especificamente no Estado de São Paulo, a riqueza do café e depois da indústria, criou demanda pela qualificação de mão de obra e para o desenvolvimento científico. Em seguida, os ideais da Revolução Constitucionalista de 1932 e, mais genericamente, depois do pós-2a.Guerra, criaram uma sociedade urbana e de massa, com forte demanda por cursos universitários, como anseio da classe média pelo prestígio profissional e pelos benefícios

advindos de tal *status*. Este processo de ascensão social culminaria com a entrada de um descendente numa faculdade. Finalmente, os problemas e estruturas familiares e sociais e ainda a busca dos centros culturais e sociais justificam a tendência pela fixação em centros urbanos maiores.

A ascensão social, a centralização em grandes cidades e a redução da média de filhos na família citada se coadunam com a evolução social do país.

As transformações da família brasileira podem ser sentidas pela comparação entre os resultados dos censos demográficos. Dados sobre o censo de 1991 apontam também um aumento da proporção de mulheres que assumem a chefia da família, principalmente no Estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Isto pode ser consequência da maior participação da mulher no mercado de trabalho e/ou também da instabilidade das uniões conjugais.

O Brasil teve uma colonização de origem européia, adaptada a condições locais muito peculiares e ainda recebeu várias correntes imigratórias nos últimos cem anos. Todos estes fatores se interagem para formar os ambientes familiares. Todavia os cenários resumidos não refletem a totalidade, pois há famílias formadas a partir de imigrantes vindos da Europa anglo-saxônica e russa, do Oriente Médio e do Extremo Oriente, com tradições familiares bem diferenciadas no chamado mundo latino.

Além dos aspectos históricos e sócio-culturais, deve-se considerar o princípio das vidas sucessivas. Levando-se em consideração o raciocínio reencarnacionista, os cenários familiares se alteram profundamente, pois entram em jogo os prévios relacionamentos interpessoal e grupai. Outro aspecto é que embora uma família esteja na sua 3ª ou 5ª geração em um novo país, alguns de seus membros poderão estar se reen-carnando pela primeira vez no país, trazendo vividas lembranças e predisposições de outros países e de outros tempos.

A esse respeito, toma-se oportuna a transcrição de trecho de carta redigida por um Espírito familiar, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco:

“Nossos vínculos, que remontam de longínquo passado, têm-se mantido através dos séculos, permitindo-nos o ir-e-vir das reencamações em grupo, graças a cujo comportamento estamos lentamente saindo da trevas para a luz. (...)Assim, a Humanidade aprende a caminhar com mais facilidade, superando problemas para esquecer, momentaneamente, das asperezas e lutas inglórias do caminho”(4). Aqui se encaixam os conceitos de Allan Kardec sobre laços de família, dentro das óticas espirituais e corporais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. *Aries P.* História Social da Criança e da Família (trad. D.Flaksman), 2a. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1981.
2. *Durham, ER* Família e reprodução humana. Pers

pectivas Antropológicas da Mulher. Vol. 3. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

3. *Franco, D.P. & Autores Diversos*. Laços de Família.

São Paulo, Edições USE, 1994.

4. *Franco, D.P.; Perri de Carvalho, A.C. & Perri Chefaly, L.* Em Louvor à Vida. Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, JL987.

5. *Loureiro, M.A.S* História das Universidades. São Paulo. Editora Estrela AlfvUSP.

6. *Perri de Carvalho, A.C* História da Família de Gaetano Perri e de Rosana Casale. Araçatuba, 1984 [mimeo].

7. *Priore, Mary Del.* Ao Sul do Corpo. Rio de Janeiro/

Brasília, José Olympio Editor^ Edunb, 1993.

FAMÍLIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

MÁRCIA JUSTINO ROSSINI MUTTON

I — Introdução

Uma consulta cuidadosa e detalhada à História da Humanidade revela-nos que. o homem sempre viveu em grupo, sendo por isso mesmo definido como um ser social.

Observa-se assim que a evolução do homem está escrita na história de suas instituições, das quais a família é uma delas. Enquanto instituição, essa forma de vida grupai passou por diferentes etapas até chegar ao estágio atual. Em cada uma destas etapas, a família foi formada atendendo ao nível de desenvolvimento da consciência do ser humano, que lhe impunha novos valores éticos e morais.

Quanto ao sentimento religioso, Emmanuel nos relata na obra *A Caminho da Luz*, que “A idéia religiosa nasceu com a própria humanidade, constituindo-se o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terrestre”. De modo semelhante, de acordo com Allan Kardec (pergunta 649, LE), “a adoração a Deus é uma Lei Natural”. O homem sempre respeitou e adorou a *Deus*, mas é relativamente recente a sua mudança de procedimento e seu envolvimento autoritário nos assuntos relacionados aos domínios espirituais e temporais.

O caminho que a humanidade percorreu nas diferentes etapas evolutivas, levou-a a um desenvolvimento unilateral de suas potencialidades, provocando um grande desequilíbrio na forma de vida, responsável pelos problemas que hoje vivenciamos.

As instituições familiar e religiosa se apoiam e se reforçam mutuamente. Numa e noutra o homem busca apoio para a sua realização plena enquanto ser humano.

“A família é a primeira escola. E como o Espiritismo é a grande escola das almas, com um programa transcendental de aperfeiçoamento — família e Espiritismo são termos da mesma equação da vida” (Divaldo P.Franco, “Crestomatia da Imortalidade”), daí estudarmos as duas, observando como e no que elas se complementam ou se espelham.

II — Evolução do Sentimento Familiar e Religioso

O homem primitivo não tinha grande escolha, ou estabelecia-se nas florestas ou nas planícies cobertas de matas. Era lá que encontrava o seu alimento. Colhia o que natureza lhe oferecia. Passou centenas de milhares de anos caçando para se alimentar. Somente depois, junta-se em pequenos grupos e começa a transformar a natureza e, através do emprego dos pequenos conhecimentos adquiridos, inventa ferramentas para o cultivo da terra e corte das árvores, cria animais e constrói as primeiras aldeias.

Na fase tribal, esse homem primitivo tomou contacto com o mundo dos espíritos (fenômenos de comunicação e materialização), que foram incorporados e interpretados de acordo com a sua incipiente capacidade e desenvolvimento mental, dando vida aos seres inanimados da natureza — animismo — (plantas, pedras, montanhas, animais) e, posteriormente, aos objetos que foi capaz de modificar através do emprego dos conhecimentos e habilidades desenvolvidas.

Nessa época, surgem os primeiros ritos, objetos mágicos, danças e ritmos utilizados com funções variadas, sendo que em função dos objetos de culto surgem os *fetichistas* da Terra-mãe e Céu-pai.

A aproximação entre os homens possibilitou a sociabilização, passando então a viver em grupamentos, formados por membros que derivavam de ancestrais comuns, denominados por clã. Nesse contexto, o homem evoluiu para o animismo e culto dos ancestrais.

Nessa época, a consciência individual e a afetividade eram pouco desenvolvidas, predominando o sentimento de grupo e o instinto da conservação. O conhecimento e desenvolvimento espiritual eram adquiridos pela força do trabalho.

Com o desenvolvimento da razão, aliado à experiência que o mediunismo proporcionava, o homem passou a criar os mitos populares, os quais originaram as crenças atuais.

Posteriormente, a crença religiosa passa a ser a adoração pelos oráculos, que reconheciam a existência de uma força sobrenatural.

A vida social evoluiu e se ampliou, originando posteriormente a família antiga que tinha por missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a proteção da honra e das vidas, a ajuda mútua quotidiana num mundo em que um homem, e mais ainda uma mulher isolada, não podia sobreviver.

A família não tinha função afetiva, embora o amor muitas vezes estivesse presente. De modo geral, as trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas fora da família, num meio composto por vizinhos, amigos, amos, criados, crianças, velhos, mulheres e homens, em que a inclinação podia manifestar-se livremente. Neste ambiente, estavam diluídas as famílias conjugais, que vivam em palácios dos séculos XIII a XIV, que apresentavam como característica principal a torre, destinada à defesa, e a loggia, ligação para a rua, no andar térreo, onde parentes, amigos e clientes se reuniam para assistir à vida

pública do bairro e da cidade e dela participar. Não havia solução de descontinuidade entre a vida pública e a familiar; uma prolongava a outra.

Exceto a torre e a loggia, o palácio mal se distinguia de sua vizinhança urbana. No nível da rua, o andar térreo das construções compunha-se de arcadas, que se prolongavam de uma casa a outra: eram as entradas das lojas, mas também o acesso dos palácios e suas escadarias.

Com a evolução das civilizações, “o homem passa a ter uma clara consciência da sua individualidade, aprendendo a pensar por si mesmo, a escolher, a julgar, não se submetendo mais aos moldes coletivos”(Herculano Pires, *O Espírito e o Tempo*), impondo-se ao mundo. Surgem daí a Filosofia Grega, o Misticismo Hindu, o Profetismo Hebraico e o Moralismo Chinês. Assim individualizado, o homem individualiza também a idéia de *Deus*.

O surgimento da vida privada ocorreu no século XV, quando o palácio florentino modificou sua planta, seu aspecto e seu sentido. Antes de mais nada, tomou-se uma unidade. As lojas desapareceram, assim como os ocupantes estranhos. O espaço foi reservado à família, uma família pouco extensa. As loggias que davam para a rua foram fechadas ou suprimidas. O palácio passou a testemunhar novos fatos, resultantes da vida cotidiana, a salvo dos barulhos e das indiscrições da rua.

Nesse espaço privatizado, reservado a um grupo relativamente pequeno, surgiu um sentimento novo entre os membros da família e mais particularmente entre a mãe e a criança: a afetividade, o amor, o sentimento de família.

Considerando da óptica da organização social, observa-se o crescimento da produção individual, o aparecimento do comércio e da riqueza, a expansão dos domínios territoriais e o acúmulo de bens. Nesse contexto, surge a divisão de trabalho, e através dela a família patriarcal.

Com a evolução dos bens de produção, a Igreja passa a comercializar os seus bens, retendo o conhecimento, a arte e a ciência, que nessa época só ela cultivava, afastando-se assim de seus desígnios.

O homem agora mais consciente de si apresenta um profundo respeito à natureza, a qual procura entender para uma melhor convivência quanto às questões relativas a Deus, à alma e à ética. Sua afetividade está mais desenvolvida, mais objetivada e se manifesta através do cuidado e zelo, privacidade, delimitação do espaço físico e interesse pelos descendentes. O conhecimento espiritual é intuitivo, baseado em experiências diretas, não intelectuais, da realidade em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente.

No período compreendido entre os séculos XV a XVIII, a ciência passa a apresentar uma compreensão do mundo, dissociando a matéria do espírito. De acordo com esta linha de pensamento defendida por René Descartes — conhecida como Pensamento Racional — a natureza deve funcionar segundo as leis mecânicas, à semelhança do que ocorre com as máquinas. Em consequência, a ciência é separada da religião, que passa a fazer parte da

Filosofia, levando o homem a perder sua unidade com a natureza.

Sob este prisma, a religião se descaracteriza quanto às suas funções espirituais e passa a ser o elemento de controle social, reafirmando seu poder político, evidenciando sua estrutura hierarquizada, baseada no modelo cartesiano.

Com a evolução do conhecimento científico e tecnológico, as relações de produção são incrementadas de modo significativo, graças à descoberta da máquina, à constituição das indústrias, à revolução industrial, à produção de bens de consumo e ao acúmulo de riquezas, tornando a sociedade cada vez mais complexa. A família por sua vez é constituída por um grupo muito pequeno e solitário, formado apenas por pais e filhos, que vivem de modo a reproduzir a hierarquização do poder, reforçando a estrutura patriarcal.

O homem moderno tem consciência de si e do outro, mas não se permite perceber as relações de dependência necessárias à sua sobrevivência. A afetividade é trabalhada sob a visão racional, gerando atividade egocêntrica, enquanto conhecimento e desenvolvimento são priorizados no campo do intelecto.

A partir do século XVIII, a compreensão do universo adquire a forma de um grande pensamento, sem que haja verdades absolutas. Os conceitos e teorias são limitados e aproximados.

O homem passa a indagar-se de modo continuado acerca da sua natureza, origem e destino, levando as religiões a revisarem seus conceitos e a tomarem públicos os conhecimentos adquiridos e mantidos ocultos desde a Idade Média. Por sua vez, dissociada das conquistas, fruto do trabalho do homem, as religiões perdem a autoridade sobre ele, deixando-o sozinho.

No aspecto produtivo, a tecnologia experimenta o seu mais elevado nível de desenvolvimento, deixando a idéia de que o homem pode e deve explorar a natureza, mesmo desrespeitando a organicidade do planeta e comprometendo a vida sobre ele. Diante dessas ameaças, a família aparece como elemento protetor do grupo contra a sociedade; passa a protegê-la das pressões sociais que se tornam insuportáveis. Entretanto, como ela é fruto da mesma organização racional, que mantém a sociedade, sua estrutura não apresenta suporte para tanto e, numa tentativa de sobreviver, ela se desintegra.

A realidade mais ampla mostrada pela ciência, força o homem a perceber-se dependente e incompleto, diante da visão do homem cósmico. Sua afetividade agora amadurecida possibilita-lhe vivenciar novas relações com o mundo. Estas relações questionam estruturas de pensamento linear e sugerem nova organização para o pensamento humano. Frutos dessas experiências surgem o conhecimento e o desenvolvimento intuitivo, que são a base da afetividade ecológica.

III — O Sentimento Religioso — Conceitos

A — Conceito Geral de Religião

De acordo com a definição do Dicionário Oxford, “Religião é o reconhecimento de que algum poder superior invisível controla o destino do homem, exigindo obediência, respeito e devoção”.

B — Conceito Espírita de Religião

Ser religioso significa principalmente entender a si e ao seu semelhante, amando-o e amando-se. Seu principal valor está em estimular o crescimento, a força, a liberdade e a felicidade dos seus crentes.

Infelizmente, a grande maioria dos espíritas não compreende o imperativo histórico do Espiritismo. Muitos entendem que a lei da reencarnação e o princípio de Causa e Efeito “explicam e resolvem todas as coisas”, cabendo-nos compreender e aceitar, passivamente, a sua ação. Outros argumentam que a revolução espírita é essencialmente individual, cabendo-lhe, unicamente, transformar o homem, para que a sociedade se transforme. Sem falar daqueles que se apegam às atividades fenomênicas sem tirar da Doutrina Espírita qualquer consequência de ordem filosófica e moral.

Entretanto, Allan Kardec preconizou a necessidade de esforço contínuo do homem em superar a si mesmo e às circunstâncias do meio. Neste sentido, verifica-se que através da pergunta nº 629 de *O Livro dos Espíritos*, o Espírito de Verdade nos ensina: “Tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é o instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins”. Assim, verifica-se que a “transformação do homem” deve ser resultante do esforço que ele faz, ou demonstra, na transformação do meio em que vive, e não pela sua acomodação e identificação com o meio.

C — Religião Autoritária

A adoração consiste na submissão a um poder superior invisível, que controla o destino do homem exigindo: obediência, respeito e devoção.

Obediência — Ato de obedecer, sujeitar-se à vontade de outrem.

Respeito — Ato ou efeito de respeitar, tratar com reverência, cumprir, acatar.

Devoção — Ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém, fervor religioso, dedicar-se.

Analisando o conteúdo e o significado desta religião, verifica-se que está totalmente dirigida ao fato de que há um poder exterior ao homem, ao qual ele deve se submeter. Não há qualquer referência quanto as qualidades divinas, sendo que o respeito e a obediência estão determinados pelo Poder e não pelo amor e justiça. O principal pecado é a desobediência e a maior virtude a obediência.

D — Religião Humanista

O homem deve desenvolver a força de sua razão para entender a si próprio, suas

relações com os semelhantes e o lugar que ocupa no Universo. Deve reconhecer a verdade, tanto porque se refere às suas limitações, como às suas potencialidades. Cabe-lhe desenvolver sua capacidade afetiva, em relação a si, experimentando solidariedade por todos os seres vivos.

Esta definição coincide com o conceito espírita de religião.

IV — Modelo Familiar a partir das Posturas Religiosas

A família patriarcal estabeleceu-se a partir do modelo hierárquico da religião autoritária, que por sua vez reforçou a manutenção desta organização. Assim, verifica-se que este modelo religioso reforçou os laços autoritários na família. Neste contexto, observa-se que as autoridades supremas, que devem ser obedecidas e respeitadas, são: Deus, o Rei e o Pai, nas esferas religiosa, política e familiar, respectivamente.

O tratamento dos assuntos de família, dentro do modelo autoritário, levam à repressão, intolerância, rebeldia e injustiças. A afetividade surge mas não é trabalhada, daí os conflitos. A solução dos conflitos não ocorre, devido à estrutura rígida do pensamento autoritário, alimentado pelo modelo patriarcal e apoiado pela religião.

O modelo familiar emergente, que é a família sistêmica, apóia-se em novos valores para as relações entre os seus componentes, com princípios de auto-organização, autonomia e autotranscendência, caracterizando-a como um organismo. Desse modo, verifica-se que ela identifica-se e apóia-se nas características que definem a religião humanista. Neste caso, a afetividade é estimulada e trabalhada, levando o homem a exercitar solidariedade por todos os seres vivos.

V — Consequências e Implicações Sociais Decorrentes destas Posturas

A — Postura Autoritária

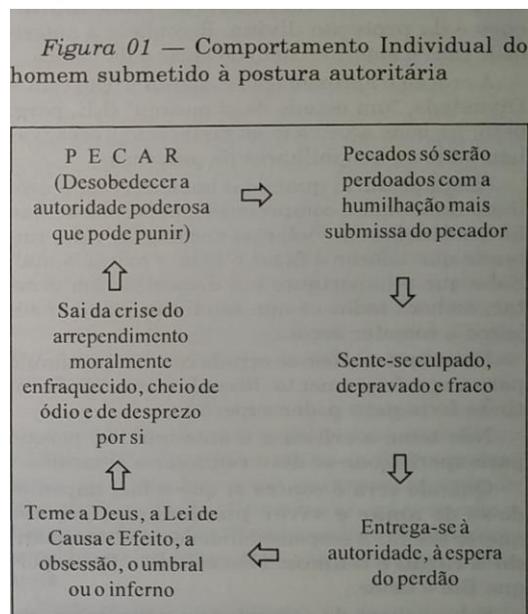
O homem submetido a postura autoritária aprende que deve submeter-se, respeitar e obedecer, abdicando de suas potencialidades de razão e amor, em detrimento da força. Este tipo de procedimento insiste na fraqueza e insignificância do homem e na necessidade de que ele se anule e se submeta para poder ser protegido pelo superior.

Esta atitude leva-o a sacrificar a felicidade pessoal em detrimento de ideais como a vida eterna, o futuro da espécie, o futuro do Espiritismo, dentre outras, resultando numa mudança de óptica, onde as idéias passam a ser fins e não meios. Em nome desses fins, as elites governam e manobram seus semelhantes.

O maior pecado consiste em desobedecer a autoridade poderosa que pode punir. Os pecados ou atos de rebelião só são perdoados com a humilhação mais submissa do pecador. Este por sua vez sente-se deprimido, culpado e fraco, entregando-se à autoridade e

esperando o perdão.

Teme a Deus, a Lei de Causa e Efeito, a obsessão, o umbral ou o inferno. Sai da crise do arrependimento moralmente enfraquecido, cheio de ódio e desprezo por si, pronto para pecar novamente. Se há um ritual que possa dar-lhe alívio e o perdão (palavras de religiosos, confissão, orientação de sessão espírita com guias), ela



B — Postura Humanista

No procedimento humanista, o homem busca seu progresso interior, procurando entender a si, seus semelhantes e suas relações com o Universo. Desenvolve a verdadeira adoração que consiste em fazer o bem e evitar o mal. Pela adoração se eleva até Deus, mas nunca fala em submissão, e sim na aceitação de suas limitações e da proteção divina. Reconhece a autoridade (não o autoritarismo) do amor e da justiça.

A oração é aproximação e comunicação com a Divindade, “um estudo de si mesma” (LE, perg. 660). As boas ações são as melhores preces, valem mais do que milhares de palavras.

Nesta postura, quando o homem erra, é acolhido com amor e compreensão, pois sabe-se que há tendências em violar as normas da vida. Entende que adorar é fazer o bem e evitar o mal. Sabe que o importante é a disposição em acertar, embora todos os que são livres estejam sujeitos a cometer erros.

Entretanto, saber-se errado constitui estímulo para o aperfeiçoamento. Reconhecer o erro é sentir-se forte para poder superá-lo.

Não teme a crítica e a auto-análise, porque para aperfeiçoar-se deve conhecer a si mesmo.

Quando erra é contra si que o faz, impedindo-se de amar e viver plenamente, por não querer aceitar a responsabilidade de viver usando a razão e o amor. Não ofende a Deus, porque Ele é amor.

Sob o prisma do despertar da consciência, observa-se que o homem está sempre

envolvido de um respeito profundo pela natureza e em especial pela oportunidade da vida, dádiva maior para o seu burilamento. Questiona-se constantemente, procurando conhecer as relações que existem entre ele e o Universo, na busca da unicidade, da harmonia, da conciliação, e da integração, fundamentais para a sua realização como ser integral.

O direcionamento destes conhecimentos e sua integração deveriam ter ocorrido através das instituições religiosas, que sempre detiveram os conhecimentos capazes de subsidiar o homem nesta busca.

Entretanto, atualmente verifica-se que esta busca está ocorrendo através de movimentos não religiosos, como os holísticos, os de integração, os de percepção ecológica, dentre outros, que procuram compreender a realidade, sob uma nova óptica. Este entendimento global envolve mudanças do pensamento, da percepção e dos valores, não só dos indivíduos, como de toda sociedade. Este dimensionamento possibilita a reavaliação das posturas do homem em relação a si mesmo e ao Universo.

Deste modo, observa-se que tanto o homem quanto a sociedade têm procurado reestabelecer rapidamente o equilíbrio entre os diferentes aspectos que compõem a sua natureza, através de uma abordagem da inter-relação, inter-reação e interdependência dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, além dos espirituais.

Neste contexto, verifica-se que as religiões perderam a grande oportunidade de iniciar e catalisar este processo de mudanças e de reintegração do homem, em virtude do posicionamento autoritário e sem aberturas para as avaliações que pudessem sinalizar a favor de um posicionamento humanista e sistêmico.

Na busca frenética de seu reencontro, o homem, descrente mas esperançoso, tem procurado a satisfação deste sentimento de unicidade, ao qual atualmente as religiões procuram se engajar, tentando redescobrir seus próprios conceitos ecológicos. Contudo não mais como fonte a dessedentar e alimentar os seus fiéis, mas para não ficar atrás na avalanche deste processo de mudança.

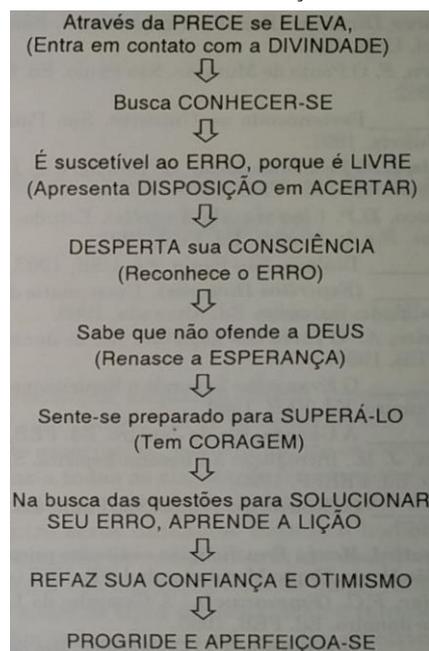
Agora, a grande tarefa que compete às religiões, é a de reaproximar o homem de suas fontes específicas e de suas afirmações mais profundas, com a finalidade de modificar o seu comportamento, de modo que a sua presença sobre a Terra seja, mais uma vez, doadora de vida e promotora de sua evolução.

Em sua escala de valores este homem reconhece que ninguém evolui sozinho e que a evolução está diretamente relacionada com o processo coletivo, na qual o modelo familiar espelha o modelo religioso que o reforça e o mantém. Neste, ele busca apoio para a realização plena enquanto indivíduo e sociedade.

Figura 02— Comportamento individual do homem vivenciando a postura humanista.
O HOMEM adora a DEUS (Procura fazer o BEM)



ACEITA as suas LIMITAÇÕES HUMANAS e a PROTEÇÃO DIVINA (Não se submete)



A FAMÍLIA, O ESPÍRITO E O TEMPO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ariès, P. História Social da Criança e da Família (trad. D. Flaksman). 2^ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1981.

Autores Diversos. Família e Espiritismo. São Paulo. Ed. USE, 1993.

Capra, F. O Ponto de Mutação. São Paulo. Ed. Cultrix, 1982.

_____ Pertencendo ao Universo. São Paulo. Ed.

Cultrix, 1991.

Denis, L. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1979.

Franco, D.P. (Joanna de Angelis). Estudos Espíritas. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1991.

_____ Diálogo. São Paulo. Ed. USE, 1993.

(Espíritos Diversos). Crestomatia da Imortalidade. Salvador. Ed. Alvorada, 1969.

Kardec, A. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1985.

_____ O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1989.

_____ A Gênese. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1986.

Pires, J. H. Introdução à Filosofia Espírita. São Paulo. Ed. FEESP, 1993.

_____ O Espírito e o Tempo. São Paulo. Ed. Edicel, 1977.

Rossetini, Maria Eny. Religião e atitudes psicológicas. São Paulo. Depto. Mocidades da USE, 1967 (mimeo).

Xavier, F.C. (Emmanuel). A Caminho da Luz. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1993.

(Emmanuel). O Consolador. Rio de Janeiro. Ed. FEB, 1976.

_____ *(André Luiz).* Obreiros da Vida Eterna. Rio

de Janeiro. Ed. FEB, 1986.

UMA VISÃO SOCIOLOGICA DA FAMÍLIA

CLODOALDO DE L. LEITE

A Sociologia, enquanto ciência, propõe-se a estudar cientificamente as relações sociais, as formas de associações, especialmente os caracteres comuns a todas as classes de fenômenos sociais, fenômenos que se produzem nas relações de grupos entre seres humanos. Estuda o homem e o meio humano em suas interações recíprocas. A sociologia não é normativa, nem emite juízos de valor sobre os tipos de associação e relações estudados, pois se baseia em estudos objetivos que melhor podem revelar a verdadeira natureza dos fenômenos sociais. A Sociologia, desta forma, é o estudo e o conhecimento objetivo da realidade social(1).

Como ciência, a sociologia tem duplo valor: pode aumentar o conhecimento que o homem tem de si mesmo e da sua sociedade e pode contribuir para a solução de problemas que ele enfrenta(2).

Antes de abordar a instituição social família, é importante que fique claro o conceito de instituição social.

Instituição social é um conjunto de regras e procedimentos padronizados, reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade e que tem grande valor social. São os modos de pensar, de sentir e de agir que a pessoa encontra pré-estabelecidos e cuja mudança se faz muito lentamente, com dificuldade. Ela é responsável pela manutenção da organização do grupo e satisfação das necessidades dos indivíduos que dela participam(2). Uma instituição não existe isolada das outras, há uma interdependência.

Dentre as instituições sociais sociais mais importantes, encontramos a **Família**, a **Igreja**, o **Estado** e a **Empresa**.

Estrutura das Principais Instituições Sociais

I - Estado

Modelo de atitudes

e comportamentos..... **Subordinação/**

Cooperação/Temor/

Obediência

Traços culturais

(simbólicos)..... **Bandeira**

Traços culturais utilitários

(bens imóveis)..... **Edifícios e obras**

públicas

Códigos orais ou escritos.....	Constituição/ Tratados/Leis/Estatutos
II - Empresa	
Modelo de atitudes de comportamentos.....	Trabalho/ Economia/Cooperação/ Lealdade
Traços culturais (simbólicos)....	Marca comercial/ Patente/Emblema
Traços culturais utilitários (bens imóveis).....	Loja/Armazém/Fábrica/ Oficina
Códigos orais ou escritos.....	Contratos/Licença/ Franquias/Estatutos
III - Igrejas (religiosas)	
Modelo de atitudes e comportamentos.....	Reverência/Lealdade/ Temor/Devoção
Traços culturais simbólicos.....	Cruz/Imagem/ Relicários/Altar
Traços culturais utilitários (bens imóveis).....	Igreja/Catedral/Templo
Códigos orais ou escritos.....	Credo/Doutrina/Bíblia/ Hinos
IV - Família	
Modelos de atitudes e comportamentos.....	Afeto/Amor/Lealdade/ Respeito

Traços culturais simbólicos **Aliança/Brasão/**

Escudo de armas/

Bens móveis herdados

Traços culturais utilitários

(bens imóveis) Lar/Habitação/

Propriedade

Códigos orais ou escritos **Certidão de casamento/**

Testamento/Genealogia

Pedimos licença para discorrer principalmente sobre a INSTITUIÇÃO FAMÍLIA, uma vez tra- tar-se do alvo de nossas considerações.

Sociologicamente falando, a família é um grupo primário permanente, mais ou menos involuntário, porque genético em sua essência. Sua principal função é criar o ambiente natural em que vão desenvolver os caracteres sociais do indivíduo. A família é a transmissora e mantenedora da continuidade da vida psíquica; como tal é a unidade social, incumbida de certo número de funções(3).

Como agente educador, a família exerce a função socializadora, transmissora da herança cultural e social, durante os primeiros anos de vida: linguagem, usos e costumes, valores, crenças etc., preparando a criança para seu ingresso na sociedade, e a função social, quando proporciona a conquista de diferentes *status*: étnico, nacional, religioso, residencial, de classe, político e educacional.

Através dos séculos, as funções da família têm apresentado variações. Além da função

educacional, três outras se destacam: sexual, reprodutiva e econômica. As duas primeiras proporcionam a satisfação das necessidades sexuais e os requisitos para a reprodução humana.

No passado, o casamento assegurava o sustento e a proteção da mãe e do filho; hoje, esses cuidados podem ser atendidos não só pelo pai- marido, como também pelos parentes consan- guíneos da mulher e do marido e pela própria mulher.

As funções econômicas são exercidas, hoje, principalmente no setor de consumo, enquanto que, nas sociedades “primitivas” e em muitas civilizações do passado, a família era uma unidade econômica (produção e consumo)(3).

Atualmente, sabe-se ser impossível uma concepção única e genérica de família, capaz de responder à complexidade da formação social.

Variações na Organização da Família

Família conjugal ou nuclear: chamada ele- mentar/biológica, formada pelo homem e pela mulher, casados, e filhos. A família nuclear encontra-se em quase todas as sociedades, como tipo predominante. Ex.: sociedade brasileira.

Família extensa: composta por duas ou mais unidades nucleares, que se estendem por duas gerações. Consiste nos pais, avós, netos, tios e primos. Ex.: família apache Chiracahua, do sudoeste americano.

Família composta: baseada no casamento polígamo. Duas ou mais famílias conjugadas, afiliadas por diversos casamentos. Ex.: tribos de Samoa.

Família patriarcal: formada por todos os descendentes de um patriarca: filhos, genros, netos, bisnetos, abrangendo agregados, dependentes, servos ou escravos. Ex.: patriarcas Abraão, Isaac, Jacó.

A Família Quanto ao Número de Cônjuges

a) monogâmica — permite apenas um cônjuge a cada esposo ou esposa.

b) poligâmica — homem ou mulher podem ter dois ou mais cônjuges. Sendo poliginia — um homem unido a várias mulheres (mais fre- quente). A poliginia é encontrada em muitas sociedades. Causas: desejo de ter filhos, demonstração de virilidade, herança de uma esposa sororato (regra pelo qual o viúvo se casa, de preferência com a irmã de sua falecida esposa), morte de homens na guerra, ajuda no trabalho, indício de riqueza e de prestígio. Poliandria — a mulher pode ter dois ou mais maridos. Cenogamia — dois ou mais homens unem-se a duas ou mais mulheres. Ex.: tribos do Tibete, habitantes das ilhas Marquesas, onde são necessários vários homens para sustentar uma família. Habitualmente, é “fraternal”, ou seja, os maridos são irmãos. Trata-se de um casamento grupai, muito raro.

Brasil Espírita e a Família

No Brasil, a crise econômica, social e política tem ampliado a crise ética. Vivemos tempos

dramáticos onde a miséria e a violência se alastram, denunciando o império de valores de base capitalista-selvagem, de vida única, consumista, embora revestidos com a capa do Cristianismo.

Como bem coloca S. Osteme, a família é um dado de fato da existência social. Sem família, como dizem os velhos sociólogos, não há sociedade. Ela é um valor, um ponto do sistema para o qual tudo parece convergir.

Agens Heller diz no seu ensaio *O Futuro das Relações entre os Sexos*: “a família, parece, é a única forma de comunidade real que a humanidade conheceu até agora. A família, como todos os grupos sociais, sofre diretamente os efeitos do sistema econômico-político-social-cultural-ético no qual se encontra inserido”(4).

O fato de 1994 ser eleito o “Ano Internacional da Família”, reforça a evidência de que vivemos uma fase de transição, onde novos paradigmas devem compor a realidade humana. Que paradigmas são esses? Que instituições sociais poderão contribuir, e de que maneira, para o novo século que se avizinha? Qual a contribuição espírita?

Na resposta à questão 795 de *O Livro dos Espíritos*, encontramos a seguinte afirmativa: “Nos tempos de barbárie são os mais fortes que fazem as leis, e as fazem a seu favor. Há necessidade de modificá-las à medida que os homens vão melhor compreendendo a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, quer dizer, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural”. Afirmam ainda os Espíritos, na questão 796: “...somente a educação pode reformar os homens, que assim não terão mais necessidade de leis tão rigorosas”. “Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome” (questão 930 do LE). O que falta para mudar a realidade adversa, quando a maioria da população é contra e já não suporta mais essa situação?

Por que um dos grupos mais afetados por todo esse clima de crise é exatamente a família? Não só fome orgânica, mas fome de amor, de espiritualidade, de justiça, de dignidade, de solidariedade. Cabe, portanto, à sociedade civil, através de movimentos, das instituições renovadas, recuperar a dignidade da família. Basta de fragilidade e timidez do homem de bem, chegou a hora de enfrentarmos os intrigantes e audaciosos. Há que se querer mudar para fazer preponderar uma nova ordem social. A família nunca perdeu seu lugar de valor na sociedade. Ameaçaram-na muito, mas ela vem tomando fôlego neste momento, sobretudo quando estamos entendendo que os valores da solidariedade da vida plena e da felicidade da vida do homem serão as grandes bandeiras do próximo milênio (4).

A Doutrina Espírita não pode ser apenas teoria consumida, deve ser conhecimento interiorizado que reflita nas instituições sociais, promovendo a transformação almejada pelos homens de bem. A família espírita construindo um novo Centro Espírita estará colaborando na promoção da revolução cultural que cabe ao movimento espírita como alerta Herculanópolis, na obra *O Centro Espírita*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1- *Lakalos, Eva M.* Sociologia Geral. São Paulo. Ed. Atlas, 1984.
- 2- *Oliveira, P.S.* Introdução à Sociologia. São Paulo. Ed. Ática, 1994.
- 3- *Castro, C.A.P.* Sociologia do Direito. São Paulo. Ed. Atlas, 1990.
- 4- *Hermógenes.* Organização social e política brasileira. Rio de Janeiro. Ed. Record-Cultural, 1973.
- 5- *Martins, C.B.* O que é a Sociologia. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994.
- 6- *Prado, D.* O que é a Família. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981.
- 7- *Kardec, A.* O Livro dos Espíritos. São Paulo. Ed. Edicel, 1985.
- 8- *Herculano Pires, J.* O Centro Espírita. São Paulo. Ed. Paidéia.

EVOLUÇÃO JURÍDICA DA FAMÍLIA

MARÍLIA DE CASTRO

Através das normas jurídicas, a humanidade tem fixado os seus valores em cada época. Para aqueles que acreditam em vida única, conhecer a história possibilita perceber a evolução do pensamento humano. Para nós, reencarnacionistas, além deste importante aspecto, é fundamental, para colocarmos uma luz na análise de nossos conceitos e preconceitos, demonstrados nesta encarnação.

Em vidas pretéritas, vivemos em outras épocas e em outros locais. Trazemos conosco a educação que recebemos e transmitimos em diversos momentos históricos. Muitos fatos acontecidos e presenciados em outras encarnações nos marcaram e, na atual encarnação, temos maior ou menor facilidade de absorção de novos conceitos.

Devido ao objetivo deste livro, destacamos alguns aspectos desta história e parte da legislação brasileira.

Antes, é imprescindível realçar o fato, já percebido por muitos, de que analisar a micro-sociedade “família” é conhecer as raízes da mentalidade de um povo. Se o conjunto de famílias que compõe uma nação, tem como hábito o diálogo em casa, esta nação valorizará o diálogo. Se as famílias valorizam o idoso, esta nação não tratará seus idosos com desrespeito. Se em casa fala mais alto quem é o poder econômico, esta nação ouvirá o poder econômico.

A micro e a macro-sociedade estão em contínua influência, formando um círculo vicioso ou uma espiral de progresso.

Mudar a família é alterar o destino de um povo, formando uma sociedade opressora ou libertadora, conforme os princípios escolhidos ou mantidos pela educação familiar.

Família Romana: Direitos e Deveres

Muitos questionam, ainda hoje, o excesso de poder do homem-pai-marido. A história esclarece que este poder foi reconhecido e incentivado pelas leis.

Em Roma, o pater famílias exercia um poder de vida e de morte sobre seus descendentes.

Este poder vigorou até Constantino (324-337 d.C.).

A organização da família romana repousava na autoridade incontestada do pai, em sua casa, e na disciplina férrea que nela existia.

Os filhos tinham que se curvar a esta autoridade independentemente da idade. Se um filho tivesse sessenta anos e seu pai ainda estivesse vivo, ficava sob as ordens paternas. Esta sujeição devia ser observada inclusive pelos netos.

Semelhantes aos escravos, os filhos, adquirindo qualquer direito, o adquiriam para o pater famílias.

A esposa também era relegada a plano secundário, e se achava sob o comando do marido, que em algum tempo chegou a dispor sobre sua vida e sua morte.

A palavra família, no direito romano, tinha vários significados, mas designava precipuamente o chefe da família e o grupo de pessoas submetido ao poder dele.

Estudar o direito romano é estudar a origem das leis do Ocidente.

Você que está lendo estas linhas já se imaginou ou já se recordou da vida nesta época? Qual teria sido seu poder; qual foi seu papel: pai, mãe ou filho?

Nesse período, na macro-sociedade, havia a figura do homem-livre e a do escravo. Os escravos não tinham direitos. Eram objeto de relações jurídicas. Não podiam ter relações familiares no campo do direito.

A escravidão era um instituto reconhecido por todos os povos da antiguidade. Sua origem vem da guerra: os inimigos capturados passavam a ser escravos dos vencedores. Os fortes escravizavam os fracos.

O poder dos Imperadores era absoluto. Um deles, Nero, chegou até a incendiar a própria cidade de Roma.

Nessa época espelham-se: o Imperador do Império Romano e os micro-imperadores-família- res (pater famílias).

Limitando o Poder

Este absolutismo opressivo vai diminuindo com o passar do tempo. O poder incontestável, que se defendia como representante da autoridade divina, vai sendo gradativamente desmascarado, como representante da força e da ignorância da Justiça.

No campo do Estado, na macro-sociedade, os povos vão exigindo garantias e os reis são obrigados a limitar o seu poder de mando. As constituições aparecem. Cite-se, a título de exemplo, a Carta Magna de 1215, na Inglaterra, acordo entre João-Sem-Terra e seus súditos revoltados.

No campo da família, os poderes do chefe também vão se restringindo.

É importante lembrar que, na história dos grupos sociais, toda vez que a divisão de poder se realiza, os antigos privilegiados defendem as regras ultrapassadas.

Veja-se a libertação dos escravos negros no Brasil. Quantos fazendeiros da época não

apontaram para os problemas da abolição? “A libertação dos escravos provocará o caos social”, diziam alguns. “Os negros não podem ser tratados como iguais”, diriam outros. “Como ficará a lavoura e a economia brasileira?” perguntavam terceiros.

Ora, a escravidão era injusta. Era indispensável a abolição.

Ao romper-se o privilégio, há um certo desequilíbrio social momentâneo. Entretanto, tão logo se estruture a mudança, a realidade se estabiliza, consagrando a evolução absorvida.

O Espiritismo e os Papéis dentro da Família

Após esta breve viagem através de alguns momentos da história, voltemo-nos a conceitos esclarecidos com o advento do Espiritismo.

Kardec pergunta aos Espíritos na questão 201 de *O Livro dos Espíritos*:

“201 — O Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher, numa nova existência e vice-versa?

— Sim, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e mulheres”.

Em muitas outras citações, os Espíritos confirmam que o corpo não é mais que o envoltório do Espírito. (Vide, entre outras, as questões 136 e 196a do LE).

Tendo em vista a reencarnação, e que o Espírito não tem sexo, podemos claramente entender a igualdade entre o homem e a mulher. Compreendemos com facilidade, por outro lado, que os filhos podem ser mais ou menos evoluídos que seus pais.

Uma pergunta deve ficar anotada neste momento: — Com este esclarecimento dos Espíritos, os espíritas estão promovendo uma educação libertadora dos antigos conceitos de mando e obediência?

Antes de refletirmos sobre esta questão, vamos analisar um pouco a legislação brasileira.

Brasil — Homens e Mulheres

Do ano de 1500 a 1822, as leis de Portugal são impostas para o Brasil-colônia.

Em 1824, é outorgada a primeira Constituição ao Brasil.

Nessa Constituição, foi estabelecido que só podia votar aquele que recebesse uma renda de 100 mil réis por ano.

Por essa Carta Magna não votavam: homens pobres, negros e mulheres.

Em 1891, a primeira Constituição da República acaba com a necessidade de ter um rendimento para ser eleitor e elegível.

A lei republicana proíbe votar: mulher, analfabetos, soldados, religiosos e menores de 21 anos.

Em 1934, as mulheres começam a votar. Observa-se, portanto, que o direito do voto só foi assegurado à mulher há pouco mais de cinquenta anos.

Outras Constituições se seguiram, mas não merecem destaque neste tema e neste breve estudo: 1937 e 1967.

Foi na atual Constituição, promulgada em 5 de outubro de 1988, que a mulher

conseguiu a igualdade legal, derrubando valores transcritos no Código Civil. Transcrevemos os artigos 5 e 226.

Art. 5 — Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I — homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Art. 226— A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

parágrafo 5 — Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Estes dois artigos vêm demonstrar a efetiva igualdade entre ambos.

Antes desta Carta Magna, embora existisse menção genérica à igualdade, o Código Civil apresentava artigos, que na prática demonstravam a dependência da mulher.

Pelo nosso estatuto civil, competia ao homem:

a — direção da sociedade conjugal

b — direito de fixar o domicílio da família

c — direito de administrar os bens do casal

d — direito de decidir em casos de divergências.

Igualdade versus Chefia da Família

Estes é um dos temas mais difíceis de enfrentar na prática.

“Homem e mulher são iguais, mas...”

Após este “mas”, vêm diversos valores ultrapassados, cristalizados por centenas de anos...

Percebe-se que, na vivência deste tema, há uma verdadeira elite masculina, que com clareza percebe a importância desta igualdade. Entretanto, outros homens têm grande dificuldade de encará-la com a profundidade necessária.

A família que vivência esta igualdade, forma espíritos verdadeiramente democráticos, participativos, conscientes do seu papel social.

Aqui se localiza um ponto fundamental da estrutura do poder na sociedade.

Para facilitar o tratamento deste tema, e para que alguns homens se sintam mais livres para refletir, um bom exercício é pensar nos direitos de sua filha e não nos de sua companheira.

Geralmente, quando se discute este assunto, muitos homens se colocam na defensiva, com receio de perder certos privilégios que desfrutavam por terem nascido homens. E todo privilégio nos cria a sensação de que somos escolhidos ou superiores.

Quando um pai pensa em sua filha, a preocupação se toma maior. Ele conhece outros homens. Alguns são homens de bem, mas muitos são companhias difíceis, tratam as mulheres como objeto sexual; quando casam desrespeitam a esposa; outros trazem

insegurança ao lar, são violentos...

O pai quer ver sua filha respeitada, vitoriosa em sua existência, feliz sendo casada ou solteira. Para que seus sonhos se realizem, a sociedade precisa assegurar direitos à mulher através da lei e do cumprimento dessa lei.

Como a Doutrina Espírita explica, os Espíritos não têm sexo, e o corpo é um simples envoltório do Espírito. Acreditar que um homem tem mais capacidade que uma mulher, simplesmente porque é homem, é contrariar a nossa Doutrina e a ciência, aceitando que a sede da inteligência e da capacidade de tomar decisões estão localizadas nas diferenças físicas.

Por outro ponto de vista, é muito estranho pensar que a sociedade em grande parte defende que à mulher cabe a educação, que ela é mais “capaz” para este mister, mas que, até cinco anos atrás, defendia em lei que o homem fosse a última palavra dentro do lar. Assim, se a mulher era a mais “capaz”, porque o menos “capaz” devia dar a última palavra?

Os livros basilares do Espiritismo definem com clareza que aos pais, homem e mulher, compete educar. Seria contraditório admitir que ou a mulher ou o homem seja o mais competente. Existem homens competentes, existem mulheres competentes. Existem homens incompetentes em alguns assuntos, existem mulheres incompetentes em alguns assuntos... Existem homens que não sabem amar, existem mulheres que não sabem amar.

A sociedade vive de clichês. O Espiritismo nos liberta deles. Os clichês sociais encobrem a verdade sobre diversos relacionamentos e temas.

Quando a sociedade dá ao homem a última palavra sobre a educação e sobre a família, facilita a resposta às perguntas: —/ Por que educação compete à mulher, na sociedade? Por que valorizamos educação? Por que valorizamos a mulher na educação?

Infelizmente, observando a estrutura da sociedade, a resposta vem à tona. A educação compete à mulher, porque não valorizamos educação e nem valorizamos a mulher.

Para alguns esta afirmação soa absurda. Não mascarando a realidade, mas vendo como ela se apresenta: educação é uma atividade desvalorizada na sociedade.

Em época de campanha eleitoral, é o tema mais falado, entretanto, tão logo acabe a eleição, o investimento na educação é mínimo. Os professores são mal remunerados. As escolas permanecem enfrentando diversas dificuldades. Será que uma profissão respeitada teria este salário?

E no lar? Será que se esta atividade fosse valorizada, não se investiria mais nela? Será que, se realmente as mulheres fossem mais competentes, o homem, daria a ela a última palavra? Toda profissão ou atividade valorizada exige cursos, debates, atualizações... Por que a mulher- educadora se atualiza tão pouco, ou nada? A mulher já sabe tudo em termos de educação? Ou se trata de uma atividade tão sem valor que qualquer um sabe fazer?

O Código Civil e os Deveres do Marido e da Mulher

O Código Civil estatui, no seu artigo 231: *art. 231 — São deveres de ambos os cônjuges: a — fidelidade recíproca b r— vida em comum, no domicílio conjugal c — mútua assistência d — sustento, guarda e educação dos filhos.* Em conjunto a esta norma, é oportuno citar duas questões de *O Livro dos Espíritos*:

"695 — O casamento, ou seja, a união permanente de dois seres é contrária à lei da Natureza?— E um progresso na marcha da humanidade.

"701 jx&Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme à lei natural?— A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há verdadeira afeição: não há mais do que sensualidade. "

Uma das causas de separação de casais é a infidelidade. Por outro lado, muitos casais se esquecem da sexualidade.

A vida do lar para alguns se transforma com o passar do tempo em administração do lar: "quanto se ganha?", "em que investir?".

A sexualidade é elemento essencial da sociedade conjugal. Sexo faz parte da vida. É criação divina. Há muito preconceito neste tema. Um grande número de casais não conversa sobre este importante aspecto da vida. O que se observa, em diversos casos, é que: antes do casamento, muita paixão, muito namoro, mas após... a administração familiar toma um caráter preponderante no consórcio; o afeto não é estimulado.

A sexualidade, muitas vezes, é vivida pelo casal como cumprimento de uma obrigação do enlace, um ritual que, às vezes, dá prazer. Com esta visão distorcida, os sonhos de paixão e sensualidade podem ser transferidos para outros personagens. Alguns homens e mulheres escolhem, então, outros parceiros, tendo como causa, entre outras, a inibição de viver amplamente a sua vida sexual, com o marido ou com a esposa.

Conversar com o companheiro ou companheira, buscar a espontaneidade do relacionamento é componente positivo para a vida do casal. O par precisa ter horas só suas. Continuar a desenvolver o namoro, começado antes da união. A beleza deste amor que deu origem a esta família, precisa ser tratada com muita ternura e afeto.

Os Filhos

Para uma breve abordagem deste tema, tomaremos como base alguns incisos do artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Prescreve o artigo mencionado:

art. 16— O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

II— opinião e expressão

TV— brincar, praticar esportes e divertir-se

V— participar da vida familiar e comunitária sem discriminação

VII— buscar refúgio, auxílio e orientação

Criança: um presente de Deus

A ingenuidade. O carinho. A alegria. A curiosidade.

Aprendendo a solidariedade, os seres humanos recebem em seu primeiro grupo: a criança. O espírito imortal reencarna frágil, leve, com muita vontade de conhecer este mundo e de fazer novas amizades. Em suas perguntas, expõe seu pequeno mundo, e demonstra querer conhecer o nosso. Quantas perguntas engraçadas! Quantas, inteligentes! Quantas, profundas!

Desde pequeno, o ser humano quer expor seus pensamentos. Como o pai e a mãe recebem estas opiniões e questionamentos?

Embora diversas famílias já escutem seus filhos, muitas ainda não consideram importantes suas manifestações. Limitam suas atividades. Muitas vezes, elegem com prioridade a casa e se esquecem dos seres que vivem nela.

Se fizermos um horário de muitas mulheres e homens, teríamos um tempo diminuto para os filhos e um excessivo tempo investido na televisão, arrumação de casa, tempo fora do lar.

Como educar, se não se ouve o educando? Todas as crianças devem receber o mesmo tipo de educação? Todas são tímidas? Ousadas? Têm as mesmas dificuldades? Facilidades? O que desejam?

Se a criança ou o adolescente tiver a liberdade de expressão e de opinião, nós passaremos a conhecer mais este ser-irmão.

A educação repressiva cria seres reprimidos e revoltados. Sem criatividade. Sem vontade de participação. Até onde deve ir essa liberdade? Liberdade com limites?

A liberdade de um ser vai até onde começa a liberdade de outro. Esta é outra reflexão complexa. Existem seres muitos espaçosos e que acham terem direito a mais liberdade do que outros. A meditação neste assunto, e vivência coerente, é uma das molas propulsoras da evolução moral do ser humano. Nada de privilégios.

Brincar, divertir-se é o apontado no inciso IV, art. 16 do Estatuto citado. É um tema amplo, mas cabe aqui uma pergunta sobre o lar. — Uma criança tem direito a fazer cabaninha dentro de casa? Na análise deste tema, muitas vezes se conclui que a casa não pertence à criança, nem aos pais, mas aos vizinhos e visitas que podem chegar. Brincar em casa e fora dela é muito importante para a criança conhecer o mundo. Brincar e organizar, depois que brincou.

Participar de pequenas e grandes decisões, conforme sua idade, é um profundo aprendizado para sua vida em sociedade.

Exercitar o diálogo em casa é formar seres que acreditam neste instrumento social.

Participar sem discriminação. Uma das discriminações observada na família é a sexual. Valorizar as opiniões dos filhos, sejam homens ou mulheres. Investir na capacidade de ambos. Respeitar a liberdade de opções.

Ainda, em muitos lares, há grande festa quando nasce o homem. Radicalizando este comportamento, em alguns países, como a Índia e a China, chega-se ao absurdo assassinato de filhas.

Em reportagem recente sobre a Índia, os pais falavam, com muita naturalidade, que mataram uma ou mais crianças por serem meninas. E justificavam que para casar uma mulher precisavam dar dote, e que as vestes para elas, desde crianças, eram caras. Ao invés de mudarem os hábitos e tornarem a mulher produtiva, senhora do seu destino, optavam pelo mais fácil: matar as crianças de sexo feminino.

Quando vemos um costume bárbaro deste, nos assombramos. Entretanto, pergunta-se: — será que não promovemos também pequenas mortes às nossas filhas?

Conclusão

As leis evoluem. Uma tem fácil aplicação, respondendo anseios da sociedade. Outras atribuem direitos antes da conscientização social dos mesmos e esbarram em preconceitos na sua aplicação...

Nós espíritas, que buscamos colocar em prática a Doutrina, podemos colaborar efetivamente para a formação de uma sociedade mais justa e mais humana.

O lar é uma pequena república. Por isso, é preciso estarmos atentos ao direito de cada um, abrir mão de privilégios, buscar o diálogo, encarar com bom humor os desafios que a sinceridade impõe, comportamentos que propiciarão um relacionamento mais agradável e humano dentro do lar.

Se queremos uma nação livre e responsável, temos que formar seres livres e responsáveis dentro do lar.

Nosso objetivo, entretanto, está mais longe. Não pára na nação. Somos seres imortais. O lar é nossa primeira escola. Somos cidadãos do Universo. E para que esta cidadania seja vivenciada, os nossos princípios devem transcender à vida única.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Kardec, A. O Livro dos Espíritos. Tradução: Herculanino Pires. São Paulo. Lake.

Monteiro, W.B. Curso de Direito Civil. São Paulo. Editora Saraiva.

Marky, T. Curso Elementar de Direito Romano. São Paulo. Editora Saraiva.

Cunha, R.S. Os Novos Direitos da Mulher. São Paulo. Editora Atlas.

Barreira, T.V. e Crava, P.R. O Direito do Menor. 2ª ed. São Paulo. Editora Atlas.

Pimentel, S. A Mulher e a Constituinte. São Paulo. Cortez Editora.

Silva, J.A. Curso de Direito Constitucional Positivo. Editora Revista dos Tribunais. Constituição da República Federativa do Brasil.

FAMÍLIA - VISÃO PSICOLÓGICA

ELAINE CURTI RAMAZZINI

Do ponto de vista da Psicologia, a família pode ser definida como um “sistema de laços emocionais”, diretamente responsável pela formação da estrutura psíquica de cada indivíduo.

E através das figuras parentais (mãe e pai) ou de seus substitutos que se verifica a transmissão à criança de padrões diretamente relacionados com o *modus vivendi* (comunicação, afeto, disciplina). E através dessas relações que vai nascendo na criança a percepção de si mesma e dos outros, assim como a maneira e a capacidade de interagir no mundo social.

Tornamo-nos humanos através das interações, na infância, com as primeiras pessoas que amamos (o “outro significativo”, como bem define Peter I. Berger). E na família que cada ser adquire as bases do comportamento, da identidade sexual, das noções de direitos e deveres e ainda dos modos pelos quais lida com afetos e emoções (amor, ódio, despreendimento, egoísmo...).

Outra função básica da família é a de preencher as necessidades amorosas e de ajuda mútua entre adultos. Daí a importância do casamento, da união, que por mais dificuldades presente na vida em comum dos cônjuges nunca pessoa alguma conseguiu descobrir melhor substituto para ele.

Não podemos falar de família, numa perspectiva psicológica, se não falarmos de mitos familiares. A idéia que se faz de mito familiar advém do fato de que mito é uma história concebida por um povo, que não possui lógica ou regra, constituindo, por assim dizer, aquilo que as pessoas trazem consigo e que se perpetua de geração em geração.

Tais mitos consistem na formação de idéias que se atribuem à família e que nada mais são do que uma percepção enviesada de como ela é, como se organiza e como funciona. Tais concepções ganham deformações maiores, pois se apresentam conjugadas com uma série de mecanismos de defesa.

Muitos mitos surgiram a respeito de problemas aparentes, numa versão um tanto quanto mágica e sobre quem — algum membro da família — é portador de algum problema. Exemplificando, considerar que o problema de uma família é um filho rebelde ou doente ou, ainda, um pai ausente, constitui uma versão bem superficial das dificuldades emocionais da família, que enfoca a problemática toda num determinado membro, escondendo conflitos sérios que se localizam no próprio contexto familiar.

Quando, numa família, há o chamado “fi- lho-problema”, torna-se ele o responsável pelos dramas que ocorrem no lar, envolvendo todos os membros da constelação familiar. Assim, o resto da família vive uma sensação ilusória de que, na medida em que o elemento doente melhora, o problema de todos, conseqüentemente, se resolve, e que não exigirá que os demais se esforcem para administrar os conflitos em casa. Com isso, a família precisa

manter vivo o “bode expiatório”, imaginando que, ao livrar-se dele, liberta-se também dos conteúdos indesejáveis de si própria que nele projeta. Assim, portanto, embora a ansiedade seja compartilhada por toda a família, de modo geral, com frequência esse membro passa a incorporar o problema como se fosse somente seu, poupando os demais participantes da família da incômoda tarefa de administrar os próprios conteúdos.

Muitas vezes, também, ocorrem outros mecanismos de defesa, como a negação, por exemplo, observada em pais que, não aceitando a idéia de terem gerado um filho com deficiências físicas ou intelectuais, “enganam-se” tentando ocultar essas características, ao invés de proporcionar-lhe um atendimento adequado.

No que se relaciona à escolha e ao contrato de casamento, são várias as motivações que levam as pessoas a se unirem.

Segundo a Psicologia, a escolha de um parceiro ou de uma parceira diz respeito ao desenvolvimento de certos valores que se lhes foram inculcados ao longo do tempo. Ocorre, no entanto, que nem um nem outro cônjuge possui características idênticas. Tais características, que dizem respeito, muitas vezes, às experiências de cada um, e à escala de valores que cada qual desenvolveu ao longo de sua vida particular, pode não ser a mesma para os dois membros do casal. E isto provoca, via de regra, muitos desajustes entre marido e mulher, gerando sérios conflitos no âmbito familiar.

Também na relação conjugal, os seres desenvolvem e vivem em torno de mitos que dizem respeito ao viés da cultura e dos valores muitas vezes ultrapassados. Arnold A. Lazarus, psicoterapeuta de casal, esclarece que muitos casais se separam porque buscaram atender a certos mitos conjugais, como, por exemplo: “o matrimônio pode realizar todos os nossos sonhos”; ou “os bons maridos consertam tudo em casa e as boas esposas fazem a limpeza”; ou “ter um filho, melhora o mau matrimônio”; ou “os que amam de verdade, adivinham os pensamentos e sentimentos do outro”; ou “a competição entre marido e esposa estimula o casamento” e assim por diante...

Há casos de cônjuges que procuram no outro aspectos que não desenvolveram em si mesmos. Por exemplo, uma mulher que não se sente muito “brilhante” em termos de inteligência, exalta a argúcia ou o brilhantismo do marido, como se somente ele os possuísse. Essa maneira de proceder diz respeito à necessidade que possui de sentir-se engrandecida através da figura do companheiro, emprestando dele a inteligência de que se sente desprovida.

Essa determinação de que os problemas estão localizados apenas no outro viabiliza-se graças ao mecanismo de projeção, onde idéias e sentimentos do indivíduo são atribuídos objetivamente a pessoas e objetos.

Assim, um homem que tenha muita dificuldade em manifestar raiva pode casar-se com uma mulher “raivosa”, que consegue expressar tal sentimento em seu lugar. Ela então expressa pelos dois aquele sentimento.

Tal carga dupla, representada por um aspecto vivido por um dos elementos do casal e aparentemente ausente no outro, acaba pesando na experiência de ambos. Há uma ansiedade que faz com que seja importante conservar esses aspectos, mais no companheiro ou na companheira.

No ato da escolha, de uma forma ou de outra, um captou que poderia auxiliar seu par a continuar o aperfeiçoamento na própria personalidade e que sozinho não conseguiria. De maneira geral, esse movimento de complementação se dá no sentido do crescimento, mas pode também constituir um pacto destrutivo que contribui para adoecer ambos os cônjuges na relação que fica cada vez mais desgastada.

É claro que os filhos podem também sofrer as projeções de aspectos das personalidades dos pais. Frequentemente, carregam eles aspectos mal resolvidos de todos como se fossem problemas pessoais seus. Permanecendo, pois, nesta situação, exercem uma função reguladora no seio familiar, na medida em que aliviam de tal carga o resto da família.

Uma criança pode ser utilizada desde o nascimento como extensão dos problemas dos pais, recebendo papéis que se ajustam às fantasias deles, mas não à personalidade e necessidades dessa criança. Isto acabará por certo dificultando em muito o desenvolvimento de sua personalidade, tornando-a desajustada, não só em relação ao contexto familiar, mas no desempenho dos papéis sociais de forma geral.

Estudos relativos ao desenvolvimento psicológico infantil mostram que o bem-estar mental da criança depende em grande parte de sua segurança afetiva, isto é, de quanto ela se percebe amada e do quanto as pessoas ao seu redor podem ajudá-la, quando e se ela necessitar de amparo e proteção. A sensibilidade, a receptividade do adulto diante dessas expectativas infantis estão diretamente relacionadas com as experiências que esse adulto teve durante a sua infância. E de supor-se que quem foi bem cuidado e sentiu-se amado pelos pais tenha maior facilidade de dedicar-se de maneira eficiente aos filhos.

No entanto, nem toda criança infeliz e mal-amada está destinada a ser mau pai ou péssima mãe. Se o indivíduo refletir sobre seus sofrimentos, entendê-los e reelaborá-los de maneira positiva, estará mais apto a não passar adiante suas experiências menos felizes.

A distância entre as gerações e a interferência da televisão, que funciona como babá para a criança e como calmante para o adulto, agrava ainda mais os problemas em casa. Observa-se que, no mundo moderno, encontrar um tempo para sentar e conversar com o filho, ou com os pais, não é fácil. Deste modo, compartilhar experiências, falar sobre sentimentos e trocar idéias são privilégios de poucas famílias. Neste contexto, a comunicação se mantém precária e limitada aos aspectos superficiais do cotidiano.

Vale frisar que não se trata de medir a harmonia de uma família pelo tempo em que seus membros estão juntos, mas de verificar a qualidade dessa vivência em comum.

Acompanhando a evolução da família através dos tempos, observa-se que houve uma subversão da história anterior. Fundada no pátrio poder, em que o homem era o centro

econômico e dele provinha o sustento da casa, dos filhos, cabia tão-somente à companheira a transmissão dos valores que seriam reproduzidos sem alterar o quadro.

Ingressando, porém, a mulher no mercado de trabalho, passa ela a repartir o poder, a intervir nas decisões sob uma visão nova, feminina. Isto, literalmente, transforma todas as relações afetivas, desorganiza uma ordem estabelecida há muito tempo. Inicia-se um “processo de reacomodação”, como dizem alguns psicólogos, processo de reacomodação este que atinge cada um dos integrantes do núcleo familiar.

Antes alijada, a mulher, agora, sabe das dificuldades fora de casa e vivência a disputa no mercado de trabalho. Da mesma forma, o homem se sente compelido a intervir na educação dos filhos, tomando-se também um transmissor de ideologia.

A família, com todas estas transformações, tem buscado tomar-se mais nutridora, oferecendo ao bebê condições de transformar-se num homem maduro. Para tanto, pais e mães têm procurado cada vez mais terapeutas e conselheiros para que estes profissionais os auxiliem na resolução dos conflitos e desajustes verificados na esfera doméstica.

A Psicologia tem, pois, contribuído de maneira profícua no sentido de ajudar os membros da constelação familiar a reconfigurarem melhor a sua condição existencial. Sinalizando-lhes a importância de aprender a lidar com os “nãos” da vida e com verdades possíveis, abre-se-lhes um leque de opções para que cada um trabalhe seus próprios limites, dentro de um contexto mais amplo — o familiar — respeitando a própria individualidade, apanágio do ser em constante transformação. Procura ainda auxiliar a cada um em particular e a todos de forma geral, fazendo-os reconhecer que os comportamentos são influenciados e influenciam outros e que as alegrias e tristezas que compõem o repertório pessoal das experiências será acionado no momento em que as criaturas se relacionarem com outras pessoas e decidirem constituir uma nova família.

Com a visão esclarecedora acerca dos mecanismos comportamentais, a Psicologia dilata para o homem a sua percepção de “ser no mundo com os outros”, como bem assinalou o filósofo existencialista Martin Heidegger. Ao descortinar à criatura possibilidades no sentido de que ela encete e promova o seu auto-conhecimento, favorece-lhe o crescimento interior e sensibiliza-a para o cultivo de uma vida mais sadia e harmoniosa no seio familiar.

O Espiritismo, por seu turno, esclarece que os espíritos são herdeiros de si próprios e que a tarefa dos pais é a de orientar os filhos, dando-lhes apoio e sustentação para que, quando adultos, consigam se auto-apoiar e caminhar confiantes em busca da perfeição. Exigir de seus tutelados mais do que podem dar é não compreender-lhes o estágio evolutivo em que se encontram na presente reencarnação e esquecer-se de que as experiências pelas quais devem passar serão aquelas mesmas necessárias ao seu aprendizado na condição de espírito eterno, com vistas à ascensão espiritual a que todos estamos fadados.

Atualizando a lição de Jesus, descortina na família esclarecida espiritualmente a Humanidade feliz de um futuro repleto de alegrias e benesses imorredouras. Sustentando-a

nos ensinamentos do Cristo e no seu Código de reta conduta, pontua a todos e a cada um em especial a necessidade de preservar o reduto familiar, sob a égide do Amor Maior, onde deverá ser construído o altar da compreensão recíproca e do respeito mútuo a fim de que o reino de Deus se instale por definitivo no coração da criatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Canevacci, M. Dialética da família. 2a. ed., S.Paulo, Ed.Brasiliense, 1982.

Dias, M.L. O que é psicoterapia familiar. S.Paulo, Ed.Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1990.

• _____ Vivendo em família. 4a. ed., S.Paulo, Ed.Modema, Coleção Polêmica, 1992.

Franco, D.P. (*Pelo espírito Joanna de Ângelis*). Estudos espíritas. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982

Lazarus, A.A. Mitos conjugais. Campinas, Editorial Psy, 1992.

Montoro, G. F. "A família, pensando bem...". Revista Ícaro, Edição Mulher, N^o120, agosto de 1994, p. 98 e 100.

"Psicologia tenta explicar mudanças na família". Seção Lar, Doce Lar?, Shopping News, São Paulo, 06.03.1994, p. 11.

A AFETIVIDADE E A FAMÍLIA

CYRO JOSÉ FUMAGAU.I

Fazer uma análise teórica sobre a afetividade, sendo esta expressão das emoções, paixões e sentimentos dos seres humanos, é de suma importância, face aos valores eleitos por nossa atual sociedade materialista, onde campeia a dor, a insatisfação, o desgosto e a tristeza. No entanto, procuraremos neste estudo encontrar os aspectos práticos e objetivos desta nossa faculdade especial que é a afetividade, no relacionamento familiar.

Observando-se a evolução do ser humano, desde as mais remotas eras, nota-se o lento, mas crescente, desenvolvimento da afetividade na área dos sentimentos superiores. Vamos ver se conseguimos adentrar em nossos arquivos e ver como tudo começou: instintos, sensações, emoções, paixões e sentimentos?

Retornaremos no tempo, até os primórdios da manifestação humana. Quando o racional desponta e inicia sua ascensão, ainda havendo a dominância do instinto. Encontramo-nos, então, na época das cavernas, onde, nelas, nos abrigamos e nos protegemos das intempéries e do ataque de nossos habituais predadores. Não conhecemos e nem usamos o fogo, o metal e outros utensílios, senão a pedra lascada.

Certo dia, em uma tarde de verão, o tempo fecha, forma-se uma grande tempestade, o vento uivando, levando a poeira e balançando as árvores, e nós, como animais, procuramos

abrigo e entramos em nossa caverna para nos proteger da tempestade. As nuvens se avolumaram escondendo o tórrido sol de verão. Escurece em pleno dia, dando-nos a impressão do anoitecer. Os trovões e relâmpagos se sucedem tornando ainda mais tenebroso o quadro. Encolhidos e agrupados olhávamos assustados, movidos pelo instinto de preservação de nossas vidas, aguardando que logo passasse o mau tempo quando, para nossa surpresa, uma fâsca, um estrondoso raio, atinge uma velha árvore seca a nossa frente e esta incendeia-se. Pela primeira vez estamos frente a frente com o fogo, com suas belas e luminosas chamas a clarear a tão escurecida tarde. Após o espanto inicial vem a curiosidade tão presente nos animais como em todos nós, atuais habitantes das cavernas. Ah! curiosidade! quantas surpresas nos reservam... Bem, como em todo grupamento de pessoas existem curiosos, uns mais outros menos, mas todos curiosos, sendo esperada alguma mobilização. Dentre todos os presentes nesta nossa caverna, alguns se destacaram embevecidos pela luminosidade da combustão da árvore seca, e se aproximaram da entrada da caverna para observarem mais de perto. Dentre eles, o mais curioso ou “xereta” se aproxima ainda mais do fogo e maravilhado, mas não satisfeito somente com o que o sentido da visão lhe proporcionava, estende a mão e tenta apanhar uma chama. Na entrada da caverna os demais se estreitavam. Todos atentos, observam, quando há um espanto geral, o “xereta”, nosso “xereta-mor”, sai correndo e gritando a demonstrar dores terríveis.

Uma interrogação gera em todos. O que será que aconteceu a ele?

— Já sei — vocês responderiam —, ele queimou a mão.

Mas como vocês afirmam isso? E a primeira vez que nós e nosso “xereta mor” vemos e tomamos contato com o fogo. Ora então para nós seres primitivos, habitantes das cavernas, no máximo ficaríamos assustados. Muito bem. Tivemos uma primeira experiência com o fogo. A chuva veio e torrencialmente o apaga, e nossa velha árvore é reduzida a cinzas. O tempo passa, reiniciamos as nossas atividades cotidianas de homens das cavernas e quando já quase é esquecíamos do fato uma nova tempestade se forma. Até bem mais terrível que a anterior e mais uma vez nos refugiamos em nosso abrigo, em nossa velha e protetora caverna. Relâmpagos, trovões e raios solapavam a Natureza, e assustados observávamos temerosos. Eis que um raio atinge uma árvore e esta se incendeia. Que belas chamas! Como iluminam tudo ao redor. A curiosidade nos desperta e nos aproximamos. O nosso “xereta-mor”, onde está? Bem é certo que pela experiência anterior com o fogo, se escondeu lá no fundo, atrás de todos e até a sua mão com as cicatrizes remanescentes foi protegida. Mas a curiosidade é uma força irresistível.

E um outro componente do grupo, nosso “vice-xereta” entra em ação. Do mesmo modo, não satisfeito com o que o sentido da visão lhe proporcionava, tenta com a mão apanhar as chamas. Para o espanto geral a cena se repete. Nosso “vice-xereta”, aos berros, corre alucinado. Nova interrogação geral??? Que será que aconteceu? Agora, vocês mais atentos responderão: — Deve ter ocorrido o mesmo que ao nosso “xereta-mor”. Certo, isso mesmo.

Em todos nós, habitantes da caverna, uma primeira emoção aparece. O medo do fogo. E ao nosso “xereta-mor”? Além da emoção-medo, vendo o nosso “vice-xereta” passar pela mesma situação que passara, desperta-lhe as mesmas sensações da dor e do desconforto da queimadura, o que lhe aflora um possível sentimento em relação ao “vice-xereta”, o sentimento de dó ou pena, de vê-lo sofrer o que sofrerá. Se mais evoluído fora, o nosso “xereta-mor”, outros sentimentos lhe aflorariam: o de compaixão, ou o de solidariedade. — “Estou contigo. Não temas. Isso passa. Olha minha mão, já sarou”. Se mais evoluído, movido pela caridade, socorreria nosso “vice-xereta”, cuidando de seus ferimentos, providenciando-lhe o conforto do amparo e da assistência, movido pelos sentimentos de abnegação e benevolência prestes a demonstrar o sentimento por excelência, o amor. Bem, nesse ponto já não estaríamos na era das cavernas. Voltemos!

Embrionariamente, na fase da dominância instintiva, nas manifestações sensório/afetivas buscando as agradáveis sensações do prazer dos contatos físicos das relações sexuais, o ser humano apresenta os primeiros ensaios da vida familiar.

Nele, despertam as reações afetivas das emoções advindas do egoísmo gerado pelas leis do instinto. A raiva da não conquista do seu objeto de prazer e gozo, ou a alegria de o ter conseguido. A tristeza do cansaço das inúmeras tentativas frustradas. O medo de falhar nas futuras investidas.

Temos, agora, no laboratório afetivo, a presença marcante das emoções e estas despertando as paixões, que precedem os sentimentos que delas advêm.

Com o amadurecimento da razão os impulsos instintivos da afetividade passam a ser racionalizados e direcionados para os sentimentos, desta forma proporcionando condições para que as forças dos sentimentos edificantes conduzam o ser humano, para a expressão máxima do sentimento, que é o amor.

Agora, fazendo retrospectiva de nosso século notamos períodos distintos e bem definidos no modo de expressar-se a afetividade no relacionamento familiar. Purificados nos cadinhos de nossas reinvestidas, nas sucessivas reencarnações, nas sendas do progresso e da evolução, junto aos grupos de nossas relações afetivas.

Do início do século até a segunda grande guerra mundial, a afetividade é mostrada com expressões de austeridade, os casais não demonstram o afeto, nem entre si muito menos ainda com seus filhos, ou se o fazem é muito timidamente que demonstram o carinho ou sentimentos. A esposa e os filhos são desconsiderados, devendo ao chefe da família total obediência e submissão.

Da década de cinquenta em diante o núcleo familiar, passando por vários abalos nas estruturas sociais, tem a afetividade demonstrada sem receios, no entanto, ainda presa a censuras e preconceitos, que aos poucos foram vencidos. A tônica das paixões novamente são expressas de modo direto, desnudas, quebrando as barreiras dos tabus e dos preconceitos. Novamente olhando pelo caleidoscópio do tempo, nas fotos do álbum de

família, vemos nosso avô ou bisavô sentado com a mão apoiada a uma bengala, simbolizando a espada do poder e da autoridade. Ao lado a esposa, com a mão sobre seu ombro e seus filhos ao redor. Todos com semblante fechado, ar austero, dando-nos a impressão que não sorriam, que não sabiam o que era a alegria e a descontração de um relacionamento familiar alegre. Talvez não o fosse, mas as histórias que vovô nos conta não condizem com a foto do álbum de família. Fala-nos vovô das brincadeiras e das peraltices das crianças, que não diferem das de hoje, conta-nos alguns discretos lances da vida afetiva do casal progenitor, enfim, travestidos da fisionomia austera, então nossos antepassados nos escondem relacionamentos afetivos, que não são atualmente razão de censura, quando demonstrado publicamente, muito no convívio familiar.

E hoje:

Por que razão, ainda, temos tanto receio de nos envolver afetivamente ou demonstrar afetividade?

Nós não precisamos uns dos outros?

E o tão esperado “enfim sós”, já passou?

E as juras dos “felizes para sempre”, onde estão?

Como você diz “Eu te amo”?

Como você retribui “Eu te amo”?

O que você diz após ter ouvido “Eu te amo”?

O que estão fazendo, que não dizem mais: “Eu te amo”?

E nossos filhos, sabem que nós os amamos?

De que forma nós lhes expressamos nosso amor? Será que eles o percebem?

Nós lhe dedicamos atenção e permitimo-lhes que passem algum tempo conosco?

Somos realmente amigos de nossos filhos?

○ Relacionamento Afetivo

Inegavelmente nós precisamos uns dos outros. Fazemos parte ativa de tantos relacionamentos afetivos e tão pouco tempo dedicamos ao exame do que falamos e das nossas atitudes, do modo que atingem afetivamente aqueles com quem nos relacionamos.

A nossa saúde, o nosso papel na sociedade e na família estão diretamente ligados aos nossos relacionamentos afetivos.

A comunicação, arte e ciência de falar, de dizer o que sentimos e pretendemos com clareza, e de ouvir e de realmente deixar certo que estamos ouvindo é base do relacionamento afetivo.

Se fizermos o seguinte teste: Procurarmos as pessoas que mais respeitamos, amamos e valorizamos para lhes dizer que “nós as amamos e verdadeiramente as apreciamos”, muitos de nós se sentirão desajeitados, com a língua presa e até mesmo embaraçados ao expressar seu amor. Isto se deve, provavelmente, por ouvirmos tão pouco a voz do amor e por nos

ouvirmos falar, menos ainda, de nosso amor pelos outros.

Expressamos nossa afetividade num olhar, num aperto de mãos, num sorriso, num afago, no abraço, com gestos e atitudes fisionômicas, que e quase sempre falam mais alto que as palavras. Falar o que sentimos é maravilhoso, mas fazer o que sentimos é divino. Lembremo-nos do provérbio popular de “quem fala o que quer ouve o que não quer!” e dos ensinamentos de Jesus “não façais aos outros aquilo que não gostaríeis que a vós fosse feito”, a fim de sempre procurarmos expressar os nossos melhores e mais altos sentimentos.

Vale a pena também não esquecer que:

Sermos atenciosos. Mandarmos flores, em especial as que cultivamos. Fazermos a “comidinha” favorita (a esposa para o marido e o marido para esposa e da mesma forma para filhos). Lembrarmos dos aniversários. Criarmos nossos momentos de lazer em família e nossos “dia dos namorados”, para o casal, não esperando o dia comercialmente convencionado, são temperos da afetividade.

Pontos importantes:

— Diga-me sempre que me ama com suas palavras, suas atitudes e seus gestos. Não fique presumindo que eu já saiba disto, este alimento é o remédio que mantém a saúde de nossas almas.

— Elogios por trabalhos bem feitos, apoio nas falhas ou dificuldades, estimulam o crescimento da auto estima e da confiança.

— Expressarmos os nossos sentimentos e pensamentos de alegria e os compartilharmos, reforça nossa amizade e simpatia.

— Nos momentos de solidão e de tristeza permitir que lhe conforte, isto nos dá a segurança de que temos força para amparar e acolher.

— Nos toques, nos abraços, nos afagos, nos carinhos nós nos revitalizamos, permutamos nossas energias salutares.

— O respeito aos momentos de privacidade, de recolhimento espiritual e de silêncio que devemos um ao outro.

— Reforçar o bem pode valer mais que simplesmente corrigir o mal.

— Crescermos juntos, constantemente.

— Relacionamentos duradouros são cultivados com cuidado e devotamento.

— Não forçar ninguém a fazer nada por você “em nome do amor”.

— As experiências difíceis endurecem seu coração. Racionalizar os revezes da vida, estarmos vigilantes é fundamental, mas não nos esquecendo de que os temperos do coração tornam a vida mais agradável.

— Ninguém cresce na sombra.

— A “loucura” que há dentro de nós, é bom não perdermos contato com ela. Isso, com uma dose de cuidado, garantirá que nosso relacionamento afetivo não caia no tédio.

— As idéias obsessivas do ciúme, da mágoa, do rancor como a raiva, a tristeza, e o medo

nos afastam do amor.

— Conversar todos os dias evita que nos tornemos estranhos uns aos outros.

— Vale a pena investir na compreensão, no carinho e no entendimento. Divórcio, brigas e separações não resolvem os problemas.

— Discutir, esgotar o assunto, encontrar as soluções e estabelecer entendimentos é participar. As pessoas que não discutem às vezes são as que não estão dando a mínima importância ou já se desinteressaram pela outra. Não ter medo dos desacordos e das discussões.

— Aprender a ser flexível é melhor do que quebrar-se.

— Nunca é demais lembrarmos dos direitos e deveres recíprocos: da privacidade, de ter opinião própria, de ser levado a sério, de ter o próprio gosto e de ser tratado com respeito.

— Com relação aos filhos: Os pais têm o direito de ser tratados como gente, de estabelecer limites, de fazer respeitar suas regras, e de fazer sugestões. Os filhos da mesma forma têm o direito de ter atenção e tempo dos pais.

— Estamos encarnados e, portanto, adequadamente dotados de meios para desenvolver diversas faculdades dentre as quais estão: as de sentir, onde usando arsenal dos órgãos do sentido nos relacionarmos com afeto, com carinho, com abraços, com carícia e beijos, com isso educamos e desenvolvemos nossos sentidos e com isso nos aproximamos; as de ter e desenvolver os bons sentimentos, onde com o exercício da amizade, da solidariedade, da fraternidade ampliamos os momentos de felicidade e nos dispomos a atos de devotamento e abnegação que são exercícios do sentimento do amor. Vale a pena educar e exercitar nossos pensamentos e sentimentos! Em cada período da vida de nossa encarnação, ressalta e prevalece uma dessas faculdades sobre as outras, mas todas estão presentes e aguardando que as coloquemos em prática. Em todos nossos momentos, onde quer que nos encontremos, com quem quer que estejamos, sempre há uma oportunidade de exercitarmos os sentimentos mais nobres e elevados de nossa afetividade, e é para isso que aqui nos encontramos. Vamos lá.

O tempo urge. A dor aperta. O sofrimento nos tira da inércia. Chega de sofrer, caminhemos para o amor. Estão no exercício da afetividade edificante do relacionamento familiar as chaves da nossa felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Beltelheim, B. Uma Vida Para Seu Filho. (trad. Sardinha, M.) Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988. *Buscaglia, L.* Amando Uns aos Outros. Rio de Janeiro, Ed. Record.

Kardec, A. A Infância. Revista Espírita (trad. Abreu Filho, J.) Vol. II. São Paulo, Edicel, 1964, pp. 51-53.

O Livro dos Espíritos --Rio de Janeiro. FEB.

Pergs. 201, 291, 60, 695, 208, 205, 358, 701, 698, 699, 166.

Xavier, F.C. (Emmanuel). Vida e Sexo. Rio de Janeiro. FEB. Caps. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11,

13, 14, 15, 16.

Weil, P. *Relações Humanas Na Família e no Trabalho*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1971.

FAMÍLIA SISTÊMICA

ADALGIZA CAMPOS BALIEIRO

Inexoravelmente limitada pelos determinantes tempo e espaço, a alma humana empreende uma gigantesca luta para compreender e projetar seus conteúdos para além dessas fronteiras. Esta luta que marca este final de século, representa o alvorecer de uma nova era para o espírito humano, que tendo desenvolvido a consciência de si próprio e percebendo as limitações que lhes são impostas pelo processo reencarnatório, procura transcendê-las, propiciando-se assim o desenvolvimento de novas faculdades.

A concepção do homem como ser transcendental, que se manifesta no plano físico para aí materializar o mundo das idéias, é uma realidade visível com que a ciência moderna tem trabalhado intensamente. Mesmo por isso, revisam-se seus postulados, ampliam-se seus universos de pesquisa, desdobram-se seus campos de trabalho. A Filosofia, por sua vez, passa a reconsiderar a existência da alma, na busca de uma realidade última para a explicação da vida.

Numa visão futurista, favorecida agora pela consciência desenvolvida, o espírito humano revê sua história e compreende que as vivências que marcaram seu processo de desenvolvimento, hoje se integram determinando novas formas de vida e de relações. Assim é que, compreendendo a história das instituições humanas, que espelham sua forma de pensamento e interpretação do mundo, compreendemos também toda a sua evolução. Torna-se claro, nesta ótica histórica, as formas de pensar e suas respectivas representações que marcaram períodos como a Idade Antiga, Idade Média, a Moderna e a Contemporânea. A instituição família evoluiu a partir da consciência do homem, e só ganhou consistência, do ponto de vista espiritual, com a manifestação do sentimento como fator determinante deste agrupamento social/ver em grupo para a garantia de sobrevivência e segurança não é viver em família. O instinto gregário e de preservação se manifestam também nos animais e se justificam pelas mesmas causas. Espiritualmente, no entanto, só quando a alma humana amadurece para a realização plena de sua afetividade, é que a família ganha características modernas.

O desenvolvimento da consciência de si e do outro, forjado pela vida e relação e atrelado à rapidez e produtividade da humanidade propicia-lhe etapas distintas no seu desenvolvimento. Vamos encontrar a partir desse princípio, a organização do grupo família atendendo a diferentes critérios. Podemos assim, ver na Antiguidade, a organização da produção sendo realizada coletivamente, passando a seguir para a produção individual, e paralelamente a esta estrutura de produção, vemos § consciência deixando de ser grupai

para se individualizar também. Acompanhando esses fatos a organização da família¹³ é heterojênica — nada muito mais por fator físico ou orgânico e conservação, do que por motivos determinados pela consciência individual, que ainda estaria amadurecendo. Num momento posterior da evolução da consciência, aparece uma nova visão e interpretação do mundo e a produção do conhecimento concebe o homem como parte integrante da natureza, criando então uma visão orgânica do universo. Acompanhando esse momento, a alma humana passa a se organizar em torno do indivíduo —

consciente, ela apresenta sinais de maturidade afetiva, evidenciados pelos cuidados, zelos, privacidade, pela delimitação do espaço físico e interesse pelos descendentes e se organiza para suportar a estrutura familiar agora já preparada para as tarefas psíquicas.

A capacidade de pensar, que sucede o desabrochar da afetividade, poderíamos dizer que a partir de então entra em convulsão. A organização de um modelo científico para explicar o mundo, o homem e suas relações iminentes, desafia a ordem natural anterior, e rompendo com o passado, coloca o raciocínio acima de tudo. O reconhecimento da identidade espiritual da humanidade, marcada pela individualidade de cada um, encontra na frase — “Penso, logo existo” — sua mais alta expressão. A magnitude deste fato e de tão elevado alcance que seus efeitos se derramaram sobre a humanidade ocidental, por praticamente três séculos. Surge, então, um novo modelo científico, que recusando todo o conhecimento que não se apoie no raciocínio e no método dedutivo, dita a nova ordem para a ciência. Este modelo de inestimável valia para o desenvolvimento da alma humana, prevalece inquestionável pelos séculos seguintes e, somente agora, é que passa a ser questionado. Em decorrência disso, a organização social, que nada mais é que uma extensão do pensar do homem, exacerba o valor à individualidade, fazendo surgir o sentimento egocêntrico. Esta atividade de pensar humano, estimula o indivíduo por sua vez se apoiar no pensamento racional. As instituições sociais passam a ter a marca registrada da linearidade. Tornam-se egoístas no sentido mais profundo do termo, mas, como são apoiadas pela ciência e pela filosofia, tomam-se fortes e impiedosas. A família, como uma entre tantas instituições, se organiza a partir deste modelo. Rompe os laços afetivos com o passado, isola-se em seus apartamentos, e se consome na vivência exacerbada do individualismo. Cada componente do grupo grita por seu espaço, exige que se respeitem seus direitos, nega a atividade participativa. Ocupados cada um consigo próprio, cada agrupamento vive agora apenas para o seu EU sem se aperceber jamais do NÓS. Corroboram para esta situação os estimulantes sociais como a televisão, as atividades fora de casa sem retorno afetivo para o grupo e o crescente apoio que mantém a sociedade de consumo, oferecidos pelos meios de comunicação e a crescente tecnologia.

Este é o quadro que nós encontramos hoje. As atividades geradas pelo pensamento linear são dissociativas, desintegradoras e, se não forem transformadas, acabarão por dizimar a humanidade.

Em resposta às perguntas 913 e 914, *O Livro dos Espíritos* diz:

P. 913: *Entre os vícios, qual o que podemos considerar radical?*

R. *Já o dissemos muitas vezes; o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não chegareis a extirpá-los enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo o sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; ele neutraliza todas as outras qualidades.*

P. 914: *Estando o egoísmo fundado no interesse pessoal, parece difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem. Chegaremos a isso?*

R. *À medida que os homens se esclarecerem sobre as coisas espirituais, dão menos valor às materiais; em seguida, é necessário reformar as instituições humanas, que as entretêm e excitam. Isso depende da educação.*

Como vemos, esse Bentimngntn n Pgmísmn tem sido Q&unortaVIaK relações sociais como nm todo. A rrmittn em particular da família Muito embo- ra, a percepção do ET I, em Iprmcn (|cppnvn|- e não de p.yofsmo. e a centralização das experiências afetivas aí se apoiem, isto constitui um momento, uma fase do processo global. Permanecer nesse estágio, no entanto, significa uma parada no desenvolvimento da afetividade.

Embora o desenvolvimento da família, enquanto instituição, tenha percorrido sua história, não significa necessariamente que todos tenhamos aprendido o quanto cada fase pode nos oferecer, simplesmente por ter sido vivenciada. Assim é que, observando a história da família de forma processual, vamos notar que temos, na família de hoje, a presença de diversos níveis: — em algumas famílias, por exemplo, percebe-se a pre- dominância do cuidado, do zelo pelos elementos do grupo, mas as relações pessoais são mawdaa por uma grande pobreza afetiva, ficando, assim, o grupo limitado no seu desenvolvimento de importante área de sua personalidade. Em outras, onde predomina o espírito autoritário, impõe-se aos seus componentes poucas condições de desenvolvimento pessoal, na medida em que as decisões e o processo participativo estão bloqueados pelo grande RIJ do elemento autoritário. Outras ainda, por uma disputa desigual e ilógica da liderança do grupo, acabam por se desintegrar, deixando assim de cumprir suas finalidades sociais e espirituais.

A constatação dessa realidade nos permite concluir:

1^ª — A necessidade de mudança nas bases dessa organização é urgente.

2^ª — *fk* mudança só se efetivará com a substituição de atividades que geram o egoísmo por atividades participativas e democráticas

3^ª — A compreensão de que concei como causa e efeito, livre arbítrio, vida e morte fazem parte de um processo mais amplo e muito mais complexo do que nosso pensamento linear tem podido perceber.

4ª — A mudança do conceito de vida, incluindo o conceito de vida permanente, deverá ser ampliado para suportar as demandas que hoje a ciência já nos impõe.

Em decorrência destas constatações, considerada a família como um sistema necessariamente integrado na natureza, sua organização deverá se alicerçar em princípios compatíveis com suas novas funções. Estes princípios atuarão em concordância com as leis que regem a vida e que deverão ultrapassar os limites impostos pelo egoísmo humano. Esta forma de relacionamento, apoiada numa atividade participativa consciente, caracterizará a família do ponto de vista social, como um organismo vivo, que necessariamente participa de toda uma rede de relações e interdependências que chamamos de sistema. Quando definimos a família como um grupo composto por pai, mãe e filhos, que corresponde à família nuclear moderna, estamos definindo-a, tomando a parte pelo todo, e mais que isso, estamos limitando seu funcionamento à simples interação de suas partes. Mesmo quando ampliamos esta definição, incluindo nela elementos como avós, tios, sobrinhos etc., sua natureza não muda. O conceito é o mesmo — passou tão somente de relacionamentos mais simples para mais extensos, mas não perdeu sua característica de linearidade. Quando falamos em mudança conceitual de família, não significa ampliar o número de seus participantes, mas simplesmente concebê-la de outra maneira. O que marca a mudança conceitual é a identificação e a aceitação das relações que ocorrem entre seus componentes e da integração deste organismo (família) com os demais organismos com os quais convive e dos quais depende. Esta é uma concepção sistêmica. “Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às propriedades de unidades menores.” A abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização. (Todo e qualquer organismo é uma totalidade integrada e portanto um sistema vivo) Por outro lado, os sistemas não são limitados a organismos individuais e as suas partes. Os mesmos aspectos de totalidade são exibidos por sistemas sociais amplos, como por exemplo, o formigueiro, a colméia e a família humana.

A mudança conceitual impõe uma ampla revisão de princípios que orientam o comportamento, o que exige trabalho e tempo para acontecer. Em período de transição, como o que nos encontramos hoje, é comum encontrarmos as acomodações intelectuais e mesmo as chamadas reduções conceituais. Estes fenômenos são responsáveis, às vezes, pelas adaptações doutrinárias usadas nas explicações dos desafios familiares. (Para estas pessoas que ainda não compreenderam o sentido exato do conceito que usam, o organismo deve ser fechado e interpretado a partir do funcionamento das partes que o compõem. Assim, se no organismo familiar ocorre uma avaria, procura-se imediatamente a peça, ou seja quem foi o responsável por ela — foi o pai ou a mãe, ou o filho, como se isto resolvesse o problema. Agindo assim, estão reduzindo o funcionamento das relações familiares ao funcionamento estanque de suas partes como se ela fosse uma máquina. Por isso mesmo, rebelando-se contra esse conceito de máquina, é que a família anda tão emperrada. Existem, ainda,

aqueles que querem dar o jeitinho brasileiro a esta máquina: dão um empurrãozinho aqui, um tranco ali, mas nem isso tem adiantado.

— Considerar a família como um organismo, significa perceber que este organismo para sobreviver, se desenvolver, realiza trocas com outros organismos de forma dinâmica e altamente complexa. Daí ele não poder ser fechado.

— Perceber a família como um organismo vivo e conseqüentemente como participante de um sistema, significa percebê-la num contínuo processo de interação e interdependência com o seu meio, ou seja, de permanente transação. Isto significa que qualquer fato que ocorra no organismo familiar, quando analisado, estudado e compreendido isoladamente, já perdeu suas qualidades contextuais, resultando daí que qualquer interferência para corrigi-lo, a partir desse julgamento, torna-se inoperante, infrutífera.

rtponnnmon.tr, sistêmirn P pensamento de processa. Os fatos ocorridos no organismo, numa abordagem sistêmica, têm que ser interpretados de forma integrativa, ampla, transcendendo sempre os limites da observação ingênua e imediata. (Álias esta já tem sido a nova postura que tem orientado o conceito de saúde. Não é uma parte do meu corpo que está doente, mas todo o sistema que está comprometido e que manifesta este comprometimento neste ou naquele órgão) É bom lembrar também que o surgimento de padrões orgânicos é fundamentalmente diferente de um produto mecânico com etapas precisamente programadas. O comportamento humano por sua alta complexidade não pode ser reduzido a padrões especializados e secundários, próprios de estruturas mais simples. Muitas vezes usamos este mecanismo simplista na explicação das desordens familiares, quando buscamos na lei de cquisafí p.feito ou no uso do conceito de livre arbítrio, ou mesmo no conceito de reencarnação. a justificativa para elas. Ao agirmos assim, estamos relacionando efeitos a causas ainda mais remotas, mas não trabalhamos de forma integrativa todos os determinantes das mesmas. O correto, talvez, fosse ampliar o horizonte do conhecimento dos fatos, para percebermos que as causas não são tão remotas assim e possivelmente estão muito mais próximas de nós, do que possamos imaginar. <"!anga <=■ pfoitn fnv- mam uma cadeia linp.ar, qiift t.pndp apmpo a associar uma cansa única a vnring offijtif"; ÍSSO nem sempre é correto. Em oposição a isto, do ponto de vista sistêmico, o funcionamento dos organismos é guiado por modelos cíclicos de fluxo de informação, conhecidos por laços da realimentação. Quando um sistema sofre uma avaria esta é usualmente causada por múltiplos fatores que precisam ser considerados em sua totalidade para a compreensão da mesma. Esta também é a visão espírita e não a redução intelectual proposta pela visão linear, que desprezando as relações contextuais não é capaz de promover mudanças no comportamento humano, a não ser pelo

Uma abordagem sistêmica da família propõe, como obrigatório, um crescimento ascendente dos seus elementos, movido pelo fluxo de informação que mantém o ciclo de seu desenvolvimento. Crescer é uma prerrogativa dos organismos vivos. Ao desenvolver seu

processo através das relações e integrações com os demais organismos pela atividade de transação, a família, como um organismo, deverá crescer. Só não crescerá se suas relações estiverem comprometidas e a capacidade de integração com os demais organismos estiver avariada. Com estas falhas as trocas não ocorrem; passa a faltar oxigênio para um funcionamento mais flexível, e o organismo familiar definha, pois se alimenta, a partir de então, de suas próprias energias.

As exigências impostas à família por uma sociedade complexa como a nossa, exige uma reorganização de suas estruturas e do seu funcionamento. Para atender a essas exigências, a família, como organismo, deverá apresentar um acentuado grau de plasticidade e de flexibilidade, características essas que lhe permitirão a adaptação à variedade do meio ao qual ela se integra.

Participar do meio e interagir com ele não significa ausência de identidade interna, ao contrário, os organismos vivos são sistemas auto-organizados com identidade própria. Esta identidade é definida em termos de estrutura e função pelo próprio sistema. Exatamente por isso, não existem dois sistemas iguais; isto porque as características de plasticidade e flexibilidade criam um elevado grau de mobilidade interna, o que garante aos organismos vivos, certas regularidades de comportamento, mas nunca uma identidade entre eles. Quer dizer: não existem duas famílias iguais, embora cada uma guarde características que a tornam semelhante às outras em alguns aspectos. Por esta razão, a condução das vivências internas de cada uma tem que ser respeitada em sua integridade.

A família, concebida como organismo, apresenta sua estrutura e função mais ou menos estáveis, o que nos permite predizer, de alguma forma, seu comportamento. No entanto, só o grau de plasticidade e flexibilidade possibilitará a seus componentes o espaço necessário para o desenvolvimento e a realização pessoal.

Como organismo, a possibilidade de sua auto-organização confere à família duas características, que são decorrentes destas:

1ª — Sua auto-renovação: ou seja, a capacidade de renovar, reciclar seus conteúdos. Esta renovação ou reciclagem é que garante seu crescimento — característica fundamental dos organismos vivos.

2ª — A autotranscendência: que é a capacidade fantástica que os organismos possuem de se dirigir criativamente para além das fronteiras físicas e mentais nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e evolução.

Não podemos perder de vista que a família, como um organismo vivo, constitui um sistema aberto, o que significa que tem que manter uma contínua troca de energia e matéria com seu meio ambiente, a fim de permanecer viva. Esta troca, que faz com que o sistema esteja sempre em *atividade*, o que lhe confere um *não equilíbrio* permanente, é absolutamente necessária para a sua auto-organização e estabilidade.

Não pretendemos esgotar aqui todas as considerações relativas aos organismos vivos e

aos seus respectivos sistemas. Não é esse nosso objetivo. Cumpre-nos, no entanto, relevar importante aspecto desse trabalho que, por acaso, possa ter passado despercebido. Este aspecto diz respeito ao fato de que organizamos o mundo a partir das idéias que formamos dele. A explicação do mundo está sempre associada a uma forma de pensamento relativa a este mundo. Isto significa dizer que, para mudar o mundo, precisamos mudar nossa forma de percebê-lo, ou seja, de pensá-lo. As nossas instituições se organizam como interiormente nos organizamos. Se o nosso pensar é limitado por conceitos já decompostos pelo tempo, permaneceremos parados, e sem troca ou interação com o meio, tendemos a morrer. O pensamento linear, baseado numa cadeia simples de ação e reação, gera, como já vimos, atividades egoístas, que marcam sobejamente a nossa história.^

Trabalhar para vencer o egoísmo, que é o pior de todos os males, é preciso, segundo nos afirmam os espíritos, atacarmos e destruímos a causa, ou seja, a nossa forma de pensar. Ser egoísta, portanto, não significa apenas ter parado no nosso desenvolvimento afetivo, mas, mais do que isso, define uma estrutura de pensamento. Atacar o egoísmo pela raiz significa pois mudar nosso modo de pensar, para depois mudar as nossas instituições sociais. Isto é o que nos afirmam os espíritos em resposta à pergunta 914, de *O Livro dos Espíritos*:

P: *"Estando o egoísmo fundado no interesse pessoal, parece difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem. Chegaremos a isso?"*

R: *A medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, dão menos valor às materiais; em seguida é necessário transformar as instituições humanas, que as entretêm e excitam. Isso só depende da educação.*

O egoísmo não pode ser concebido só como um sentimento, ou como sendo uma manifestação do desenvolvimento do espírito. Ele determina uma *estrutura mental*, uma forma de perceber e pensar sobre o mundo que determinará todo um comportamento egoísta.

A família, como instituição *mater* da sociedade, está marcada na sua organização atual, por este conceito. Nos mais diferentes níveis ela está sempre espelhando a forma egocêntrica de ver o mundo — que impõe controle, radicalismo, intransigência, falta de diálogo (como se pode dialogar com um egoísta, se ele só fala uma linguagem? — a sua) e tantas outras características que permeiam nossas relações familiares. Os comportamentos indesejáveis que hoje são objeto de estudo quando se fala da família, como, por exemplo, o aborto, a separação dos casais, as novas experiências sexuais, os confrontos entre pais e filhos, drogas, são simples disfarces que mascaram a nossa grande dificuldade — a de olharmos para dentro de nós mesmos e termos a coragem de recolher os pedaços de uma lógica estraçalhada pela pujança dos fatos atuais. Não percamos tempo discutindo os efeitos — o comportamento humano não pode ser compreendido pela simplicidade de nossas estruturas mentais já rotas pelo tempo. Precisamos ir além, e identificar na qualidade das relações que se estabelecem no seio da família, a explicação para esses fatos. Como já vimos, a família é

uma instituição que se mantém, enquanto suas estruturas a aguenta-rem. Na medida em que o suporte se torna fraco, quando o alicerce racha, as paredes caem e todo o edifício rui.

O que hoje está sendo questionado não é a família enquanto forma de vida em grupo, mas as bases, as estruturas que já não suportam as exigências do desenvolvimento desse grupo. O espaço que a estrutura atual oferece, é demasiado pequeno e conflitivo para abrigar os anseios da alma humana em sua senda evolutiva.

As relações autoritárias, antidemocráticas, o jogo do quem perde ganha e outras formas de relacionamento ditadas pela exploração de serviços de menores, o machismo, a exigência servil, imposta pelo chefe aos componentes do grupo, de forma direta ou disfarçada, explícita ou camuflada, estão por trás das perturbações com que convivemos hoje. Às vezes, as pessoas que assim agem ou que simplesmente se deixam levar não têm consciência clara dos mecanismos de que lançam mão para a realização dos seus desejos. Mas agora, o que nos importa são as consequências dessas atitudes, identificadas nas mais transviadas formas que conhecemos. Se, por um lado, poderá faltar discernimento por parte de alguns, já não há tolerância por parte da grande maioria, dos jovens principalmente. Eles nos forçam a olhar para trás ou para nós mesmos, e mais do que isso, estão exigindo que assumamos nossa parte de responsabilidade. Se nos recusamos a mudar, por conveniência, por ignorância, ou por qualquer outro motivo, não perderemos por esperar: os desequilíbrios entrarão pela porta da frente, sem anúncio ou qualquer medida e nos surpreenderão escondidos em nossas casas, acreditando que tudo só acontece com o nosso vizinho. Aí então, o que não foi pelo amor, o será pela dor. A partir daí, a revisão nas relações familiares será imposta, e não mais um ato de escolha. Terá que ser ampla e profunda e certamente acarretará muito sofrimento.

É imperioso, portanto, que o processo de mudança comece já. Tornemo-nos flexíveis, como o trigo que tomba ante o vendaval. Acompanhem os ventos do progresso que sopram a cada dia mais rápido. Retomemos e compreendamos nossa família a partir do processo em que ela surge e se estabelece. A visão curta, de pouco alcance, já não nos servirá mais. E preciso enxergar com maior amplitude, para além de onde a vista possa alcançar. A responsabilidade relativa aos fatos atuais, nem sempre repousa em outra encarnação; ela poderá estar mais próxima de nós, e para enxergá-la teremos que ter visão de processo e não a vista curta, imposta por uma cadeia causal imediatista e comprometida.

A abordagem processual nos permite trabalhar conjuntamente, de forma participativa, nos encaminhamentos dos problemas familiares. Evidentemente que estas tentativas de acertos treinados no ambiente familiar serão repassadas para o âmbito social, e aí então estaremos realmente começando a mudança. E bom nos lembrarmos sempre que não é por sermos pais ou responsáveis que sabemos mais; a posição não outorga poder — este deve ser conquistado pelo esforço e pelo trabalho individuais que nos habilitam o exercício da liderança. Na maioria das vezes, os nossos problemas de hoje já o eram ontem, só que não os

percebíamos. Limitados pela visão estreita e reforçados por uma estrutura comprometida com o poder e o controle, não fomos capazes de identificar aspectos simples do comportamento humano e que hoje nos afligem tanto. Por exemplo, não atentamos para o fato de que:

- criança mal-amada terá grande chance de ser adolescente problema;
- pais ausentes podem perder suas legítimas autoridades;
- falta de estabilidade, no relacionamento do casal, poderá gerar filhos inseguros, que por sua vez poderão apresentar distúrbios de comportamento;
- a falta de afetividade entre pais e filhos poderá tomá-los incapazes de amar;
- a ausência de hábitos vividos pelo grupo família poderá enfraquecer as relações fraternas e de companheirismo, tão esquecidas nos dias de hoje.

Como podemos notar, por trás de todos estes comportamentos está acima de tudo o egoísmo, que toma as pessoas limitadas na sua visão de mundo e de si próprias. Contra esse mal, só a nova postura que exige um afrouxamento das energias centradas em um só, para que os outros participem. A reunião e valorização do grupo é marcada pela história de cada um dos que o compõem, que em nenhum momento é deixada para trás, pois que representa uma longa caminhada em busca de acertos. Em um organismo ninguém é mais importante que o outro; cada qual em sua função, desempenha sua tarefa, sem cobrança, visando sempre o equilíbrio do todo. O menor dedo dos nossos pés, tão insignificante, e às vezes mal cuidado, não reclama glórias por ser o responsável pelo nosso equilíbrio postural. A participação de todos para o equilíbrio comum é a característica de uma abordagem sistêmica. Ela compreende uma visão ampla (histórica) e integrativa dos fatos, o que exigirá, inevitavelmente, uma nova estrutura para sua acomodação. Para que isto ocorra precisamos ter coragem, para encarar nossas dificuldades de frente e, com os instrumentos dessa concepção ampla, podermos nos armar e refazer nossas vidas, desenvolvendo uma estrutura familiar que atenda às exigências da modernidade.

A revisão de hábitos, costumes, se assenta numa revisão do processo através do qual eles foram adquiridos. Começemos o trabalho, então, porque uma nova era se aproxima. Transformemo-nos. Livremo-nos da poeira dos caminhos que nos levaram à hipocrisia, à falsidade. Retomemos nossa história, que hoje mais do que nunca está em nossas mãos. Participemos do movimento de renovação interior, ampliando nossa visão de mundo e, apoiados na ciência, talvez ainda tenhamos tempo de recolocar o movimento espírita no seu caminho de luz e de guia para a humanidade.

Espíritas, amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos eis o segundo. Abandonemos a simplicidade falsa e acomodativa de nosso velho pensar para adentrarmos a grandiosidade da Doutrina Espírita numa releitura de seus conteúdos. E, como nos conclama Léon Denis: *"vamos para o futuro, para a vida sempre renascente, pela via imensa que nos abre um Espiritualismo regenerado."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Capra, F. O Ponto de Mutação, São Paulo. Editora Cultrix Ltda., 1982.
- Delanne, G. A Reencarnação. Rio de Janeiro. F.E.B., 7ª edição, 1990.
- Denis, L. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. Rio de Janeiro. F.E.B., 11ª edição, 1979.
- Kardec, A. O Livro dos Espíritos. São Paulo. Livraria Allan Kardec Editora, q. 913-914.
- Pires, J.H. O Espírito e o Tempo. São Paulo. Editora Cultural Espírita Ltda., 5ª edição, 1987.
- Vygotsky, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo. Martins Fontes, 4ª edição, 1991.

A FAMÍLIA, O ESPÍRITO E O TEMPO

123

O DIRIGENTE, O TRABALHADOR E A SUA FAMÍLIA

JOSE ANTONIO LURZ BAUEIRO

...*"Papai, por que você é diferente no Centro Espírita?"* — A pergunta saiu seca e despreziosa, vinda do banco de trás do carro, onde estavam os nossos dois filhos menores. Voltávamos de uma reunião em Sociedade Espírita de nossa cidade, encontro descontraído e agradável onde tratamos de vivência espírita, expondo e ouvindo opiniões, respondendo a várias questões dos participantes. O silêncio que se seguiu, deixava claro que a pergunta afirmativa representava consenso. Usamos a técnica tradicional. Responder com uma pergunta.

...*"Diferente, como?"* — A cumplicidade ficou comprovada. A resposta apareceu fácil, vinda dos dois, naquela época, já que o fato aconteceu há anos, duas crianças falantes e descontraídas. Não tinha uma linha sequente e coerente, mas tratou de posturas, maneiras de falar, tranquilidade e paciência para com situações delicadas, moderação em diversas situações. Foram colocadas vivências claras, onde a ação no lar, comparada com a do Centro Espírita, levava aparente nível de desvantagem.

A situação foi percebida. Arriscamos uma pergunta, que pudesse melhorar um pouco o momento, na tentativa de contornar os fatos apontados. — *"Onde o papai se comporta melhor?"* Mais direta ainda foi a resposta: — *"No Centro, é lógico!"* — Tinha acontecido. Rimos, brincamos, mas o diálogo foi levado para a meditação, na consulta diária ao travesseiro. Hoje os filhos, saindo da adolescência, com muitas outras passagens e histórias para a nossa lembrança e experiência, ficaram marcados naquela noite, onde o pai foi considerado melhor e diferente, lá no Centro Espírita, ambiente fraterno e amigo, apresentado em relação ao lar, com destaque.

Mudadas as palavras, perguntas e respostas, alterando os interlocutores para cônjuges, parentes, filhos e agregados, a situação apontada deve ocorrer nas famílias espíritas com muita frequência.

Apesar de o fato ser comum, não significa que as pessoas tenham consciência dele, podendo passar despercebido, causando desconforto generalizado. Este desconforto é identificado na redução de diálogos entre pais e filhos, no atendimento básico às necessidades materiais do grupo familiar e no arrefecimento das relações afetivas. Acobertados por uma falsa vivência religiosa, à medida que se avolumam os problemas familiares, procura-se no Centro Espírita, nas orientações doutrinárias, a solução para a situação. Decorrentes desta postura, surgem as interpretações doutrinárias que se ajustam como receitas às necessidades do lar, gerando interpretações errôneas sobre a movimentação social espírita.

Lar e Centro Espírita, instituições que deveriam se complementar na promoção do ser, nesse instante se apoiam no reforço mútuo de alienação e distanciamento dos seus objetivos fundamentais.

A compreensão deste mecanismo se assenta no fato inerente à natureza da Doutrina Espírita –rr a ausência do profissionalismo religioso.

Nas outras religiões, para a grande maioria dos adeptos, a vida religiosa se limita à presença de cultos, a reuniões sociais, onde a responsabilidade do fazer está a cargo de pessoas que fazem do serviço, profissão. Para o espírita, é registrada a responsabilidade do preparar, o que vai acontecer. Além da presença e participação nas reuniões, em todos os setores de atividades doutrinárias, há a ação que leva desde o preparo da parte física e material da realização, até o alcance dos objetivos doutrinários e religiosos dos eventos e reuniões.

Esse fato identifica o Espiritismo como doutrina de participação onde a ausência de líderes de direito define a sua estrutura flexível, permeável e evolucionista. Somente nesta estrutura, as contribuições individuais, representando paralelamente o crescimento do indivíduo e do movimento religioso, podem acontecer. O desvio dessa característica, portanto, devolve ao Espiritismo o caráter intransigente e autoritário que marca a história das grandes religiões. Essa característica, que não pertence ao escopo da Doutrina Espírita, mas de seus adeptos, acaba por comprometer a marcha progressista do Espiritismo, no atendimento às necessidades do crescimento individual e das mudanças sociais, hoje já tão reclamadas.

A família, o trabalho e a religião, nessa estrutura progressista, nada mais são que espaços onde as aquisições realizadas pelo indivíduo se desdobram, se ampliam. No lar elas desabrocham, no trabalho se fortalecem, na religião se sublimam.

O equilíbrio do ser só poderá ser alcançado quando esses três níveis, em harmonia, se integrarem de forma a permitir ao homem o desenvolvimento de suas potencialidades de forma plena e integral.

Na prática, é um exercício de transferências. No momento em que desencontros familiares se transformam em etapas vencidas por todos nós em nossas relações cotidianas,

tornamo-nos mais habilitados a vencer as dificuldades fora do lar. Não há substituição de espaço. O aprendizado doméstico se multiplica e se amplia ao nível do social e do religioso. Sem essa base familiar, não há desdobramento e sim substituição, o que com certeza acarretará o conflito e o desconforto.

O investimento é sempre na relação familiar e no seu aprimoramento. O que se cultiva nesta relação é o afeto, o carinho, o amor, o respeito, que se manifestam em formas e níveis diferentes em cada um dos que compõem o grupo. Os recursos de que lançamos mão para esse fim estão sempre a esse serviço.

Quando essa intenção é transparente em nosso comportamento, a aceitação do que fazemos se torna mais fácil. Assim é que o sair de casa para ir ao trabalho ou ao Centro Espirita não são conflitantes, pois que ambas representam investimentos ao atendimento das necessidades familiares: a primeira de ordem material, a segunda, espiritual. Essas duas se completam e em nenhum momento se substituem. Quando, porém, faltam suporte material e investimento afetivo ao grupo família é pouco provável que as tarefas doutrinárias sejam aceitas com tranquilidade.

A nossa realização espiritual passa pelo equilíbrio do lar e das pessoas com quem mais convivemos.

O exercício da vivência democrática no lar, onde se aprende a dividir o poder através da participação de todos em clima de igualdade e respeito; a prática da tolerância ao processo de aprendizagem que se manifesta em tão variados níveis; a valorização de cada um como responsável da harmonia do todo; o desenvolvimento da capacidade de ouvir para depois falar; a aceitação dos limites de cada um para o equilíbrio do grupo, enfim toda a disponibilidade para transcender cada momento individual, num aprendizado maior, se transfere para o lar espírita.

Difícil alcançar essa situação? Sim, mas é o caminho para que os compromissos sejam cumpridos.

No Centro Espírita, enriquecer os momentos no exercício de uma convivência saudável, dando oportunidades para que todos se envolvam nas tarefas, representa avanços realizados pelo indivíduo, que se transferem em benefícios para o trabalho coletivo. Esse avanços são resultados das experiências domésticas, onde cada situação, cada momento, nos solicita o exercício capaz de promover nosso desenvolvimento.

Aceitar e compreender os avanços, como oportunidades valiosas para o aprimoramento pessoal, representa o nosso próprio crescimento, como o crescimento de todos os que vivem conosco — em casa, no Centro Espírita e onde possamos estar. Representa, ainda, colocar em prática a teoria das comissões centrais e trabalhos de grupo, para não se cansarem os companheiros, exercitando democracia e participação ampla. Priorizar a causa, em detrimento a posicionamentos pessoais e de grupo, restos de nosso orgulho e egoísmo.

No lar, encaminhar os problemas dos nossos filhos da mesma maneira como o fazemos

com os problemas dos filhos de companheiros; conviver com o cônjuge em par de igualdade, como pregamos na vivência religiosa, espontânea e naturalmente. Tudo é questão de exercício e amadurecimento.

Não é só no Centro Espírita que somos religiosos. Se o somos lá, deveremos sê-lo em qualquer lugar ou circunstância. Se ainda não chegamos ao objetivo, um dia o conseguiremos. Para isso, no entanto, é necessário perceber que somos um só. Dirigente espírita, trabalhador ou cooperador espírita, pessoa da família, são situações que não podem ser separadas. E um único e mesmo ser que é alguém de uma família, o dirigente e o trabalhador. Os ciclos se completam e interagem, em sinergismo que busca o equilíbrio.

A vida religiosa é intimamente ligada à família. Para ser vivida em conjunto, no lar e no Centro Espírita. No dia a dia, na vivência do evangelho no lar e na participação em conjunto nos cultos, nas reuniões e nos trabalhos da casa espírita. É questão da família, não da mulher, do homem, do filho ou da filha em separado.

Assim, a religião humanista e progressista que é o Espiritismo, contribuirá para a formação de nossa família em clima democrático e participativo. No caminho) cada passo é uma lição, cada movimento um aprendizado.

FAMÍLIA - PROCESSO DE REEDUCAÇÃO (I)

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

Ao definir 1994 como o “Ano Internacional da Família”, a ONU elegeu como tema básico “Família — recursos e responsabilidades em um mundo em transformação”.

Dados sobre o censo demográfico de 1991, realizado pelo IBGE, revelam condições de vida do brasileiro e outros relacionados com a família. As mulheres são maioria no país; cai a taxa de fecundidade e a população cresce menos, principalmente no Estado de São Paulo; amplia-se o número de jovens alfabetizados, embora permaneçam desigualdades regionais; e, finalmente, aumenta a proporção de mulheres que assumem a chefia da família, notadamente no Estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Este último dado pode ser decorrência da participação da mulher no mercado de trabalho e/ou também da instabilidade das uniões conjugais.

Nesse contexto de um mundo e de um país em transformação, é que pretendemos analisar a questão das relações entre família e educação dentro da ótica espírita.

Em obra básica de sociologia(3), encontra-se que “a cultura estabelece os objetivos pelos quais lutam os indivíduos”, com as considerações de que o indivíduo pode suplantar a atuação como unidade social — com comportamentos e padrões culturais estereotipados —, para agir como indivíduo que ajuda a transformar o *status quo*. Propõe ainda que uma das melhores maneiras para se descobrirem os objetivos de uma sociedade é examinar seu sistema educacional. Para Biesiegel(2), a plena realização do homem enquanto criador de

cultura e determinante de suas condições de existência, somente ocorre no âmbito do crescente comprometimento do homem com a sua realidade. Aí se situariam as funções do processo educativo.

Sem dúvida, historicamente há comprovações incontestes sobre a interação família/educação/desenvolvimento dos povos.

Em histórico sobre laços de família, destacamos o desenvolvimento mais rápido das colônias inglesas, em comparação com as portuguesas, em virtude de nítidas influências religiosas(4), haja vista que, em 1647, na região de Massachussetts já havia uma lei que impunha a cada vila de 50 ou mais famílias o dever de criar uma escola elementar e a cada vila de 100 ou mais famílias, o dever adicional de estabelecer escola secundária. Em nossos dias, há grande relação entre o percentual de escolaridade de 2ª grau e o desenvolvimento, o que pode ser exemplificado com o Japão(96%), Coréia(94%), México(55%), em comparação com o Brasil(16,7%).

No acesso às universidades mais competitivas, também há associação entre instrução dos pais e o ingresso do filho no ensino superior. Em análise sobre a trajetória acadêmica e profissional de alunos formados em quatro cursos da USP, entre 1979 e 1989, Schwartzman(7) conclui que a posição social dos pais influi diretamente nas escolhas profissionais dos filhos e ainda destaca que “a educação da mãe parece ter um papel mais direto na carreira dos filhos”. Esta tendência foi confirmada por uma outra pesquisa, onde se analisou o perfil do vestibulando que ingressa na USP. Entre 1991 e 1993, constatou-se um crescimento dos ingressantes, com ambos os pais com instrução superior completa(13,2%). Em geral, há probabilidades de ingresso de homens que tenham ambos os pais com instrução superior(6).

A influência da família com relação à educação dos filhos que aparece nitidamente nessas pesquisas citadas, e que ainda denota a preponderância materna, na realidade sofreu alterações ao longo dos tempos, em função da cultura de cada povo. Todavia, ainda em 1824, o prof. Hyppolyte Leon Denizard Rivail recomendava o seu livro de aritmética às professoras e às mães, dentro da influência de pensadores que destinavam papel educacional às mães dentro do lar. Todavia, cerca de trinta anos depois, o mesmo professor, já utilizando o pseudônimo de Allan Kardec, enfatizava o papel dos pais.

Na literatura espírita, há clareza de que a família é a unidade básica da sociedade. Daí a apreciação de Emmanuel sobre a questão da educação e da instrução, ao destacar a importância do lar(8). Justamente no diapasão de escola inicial de vida para o ser reencarnante e de caracteres para a sociedade, que se deve ponderar sobre as relações entre educação, vivência no lar e a sociedade em geral.

Desde o lar, deve-se conscientizar para a interação social em condições participativas no movimento espírita e nas atuações profissionais e sociais. A preparação para a modificação de padrões culturais se inicia com a convivência salutar e o cultivo de valores ético-morais,

que se expressam pelo respeito ao outro, como pessoa e como espírito, logicamente imortal e reencarnado. Em nota de rodapé, Allan Kardec já comentava a questão nº 930 de *O Livro dos Espíritos*: “Quando o bomem praticar a lei de Deus, terá uma nova ordem social fundada sobre a justiça e a solidariedade, ele mesmo também será melhor”.

Daí a oportunidade das considerações da obra básica da Doutrina: “Os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família estreitam os laços sociais”(5).

Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec destaca a importância de o espírito passar pelo período infantil, para que ocorra a contribuição dos incumbidos em educá-los e inclui a referência ao “dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas”(5). Iolanda Húngaro(1) lembra a questão importante e momentânea das transferências de responsabilidades de pais para os professores, que transparece ao longo do tempo, inclusive com a insistência do ensino religioso nas escolas. Outro fato é o claro duelo que se trava entre o “velho” e o “novo”. Adalgiza Campos Balieiro defende um novo paradigma para o processo educacional, considerando o espírito como uma realidade objetiva. Este fato força-nos “a uma revisão profunda dos nossos objetivos e metas educacionais”(4).

Nesse cenário de transição dos padrões familiares, é que se deve lidar com a nova família e se desenvolver um trabalho, onde a preocupação não seja meramente a instrução ou a exclusiva preparação para vestibulares, mas que haja prioridade para a educação no seu sentido mais amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. *Autores Diversos* – Família e Espiritismo. 4a. edição. Caps. 17 e 18. São Paulo, Edições USE, 1994.
2. *Biesiegel, C.R.* – Política e educação popular. 2a. edição. São Paulo, Ed. Ática, 1989.
3. *Cardoso, F.H. & Ianni, O.* – Homem e sociedade. 2a. edição. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1965.
4. *Franco, D.P. & Autores Diversos* – Laços de família. São Paulo, Edições USE, 1994, pp. 119-120.
5. *Kardec, A.* – O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro, FEB, questões 383, 385, 930.
6. *Perri de Carvalho, A.C.* – Projeto Tempo Zero. Comentários globais. São Paulo. NAEG-USP, 1993 (mimeo).
7. *Schwartzman, S.* – Posição social da família e experiência universitária. Doc. AP3/92. São Paulo, NUPES-USP, 1992.
8. *Xavier, F.C. (espírito Emmanuel)* – O Consolador. Rio de Janeiro, FEB, questão 110.

FAMÍLIA - PROCESSO DE REEDUCAÇÃO (II)

ELAINE CURTI RAMAZZINI

Entendamos, primeiramente, o sentido da palavra processo. Processo, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, quer dizer: “sequência de estados de um sistema que se transforma; evolução.” Assim, a palavra processo está intimamente ligada à idéia de vir a ser, tornar-se. Reeducação, por sua vez, significa proceder a uma nova educação, ou reeducar novamente.

Goethe já afirmara: “Tudo já foi pensado antes; o difícil é pensá-lo de novo, na sua própria linguagem e contexto.”

No que se refere à família, muitas coisas foram faladas sobre ela; no entanto, o que se precisa, agora, é repensá-la de maneira mais consensuosa com os novos tempos, principalmente à luz de uma doutrina eminentemente educativa, como o é a Doutrina Espírita.

Sabemos que, como sistema, a família opera de acordo com certos princípios. Vamos, à guisa de um breve comentário, mencionar apenas dois: a homeostase e a morfogênese.

Entende-se por homeostase o processo auto-regulador. Pela homeostase, mantém-se a estabilidade do sistema, protegendo-o de desvios e mudanças. Em termos de família, refere-se à tendência que esta possui em manter um certo padrão de relacionamento entre seus membros, possibilitando a coexistência.

A morfogênese, por outro lado, diz da possibilidade de a família possuir um potencial para mudança dentro da ordem estrutural e funcional do sistema, facultando a este uma nova configuração qualitativamente diferente da anterior.

Insitos na estrutura familiar, tanto a homeostase como a morfogênese possibilitam às pessoas falarem uma mesma língua que possui inúmeros dialetos, cuja raiz comum é o pensar a família como um sistema, porém sob a ótica particular de cada autor.

Ao falar-se de família sistêmica, preocupamo-nos mais com o como e não com o porque de determinada maneira de pensar ou de agir de um membro da constelação familiar. Assim, indagar por que o indivíduo repete um determinado comportamento não faz parte do pensar sistêmico. Pesquisar, no entanto, como isso acontece, permite-nos formular e observar as condições em que pode haver a repetição.

Repensar a família é repensar o ser existencial, o homem integral: físico, com características próprias; psíquico, dotado de cognição, sentimentos e emoções específicas e identificadoras do self; social, relativo à sua situação familiar, inserido na história da sociedade, numa dimensão espaço-temporal que lhe é própria; e, finalmente, espiritual, portador de um repertório particular que lhe caracteriza a caminhada evolutiva de ser eterno em direção a Deus.

O trabalho reeducativo da família é o de reconfigurar para cada criatura a realidade que lhe é peculiar, buscando compreender-lhe o significado que empresta a cada símbolo ou mito. Entretanto, objetiva-se ampliar-lhe a percepção e o entendimento para que a sua conscientização se processe no espírito, a partir do perispírito, ensejando-lhe condições de

crescer, num sentido dialético, isto é, recapitulando experiências passadas, mas acrescentando a estas novas conquistas que partam de dentro para fora.

Daí a importância do “conhece-te a ti mesmo”, dos ensinamentos socráticos, que pressupõem o conhecimento interior antes do trabalho de construção exterior junto aos que compartilham de uma existência comum e limitada.

Somente após realizada a viagem interior da criatura consigo mesma, permitindo-lhe trabalhar o self ideal, maior, eliminando os distúrbios do ego, caracterizados pelo cultivo de mecanismos de fuga, de não assunção da responsabilidade e de não confrontação consigo mesmo, é que conseguiremos realizar o divino dentro de nós e, por extensão, junto ao próximo mais próximo.

USE EDITORA

Livros:

Centros e Dirigentes Espíritas – Autores Diversos Centro Espírita (O) – Wilson Garcia – 2ª edição Centro Espírita e Suas Histórias (O) – Wilson Garcia Ciência Espírita – J. Ilcrulano Pires – 2ª edição

Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas – Divaldo Pereira Franco – 3ª edição

Dirigentes de Sessões e Práticas Espíritas – Emílio Manso Vioira – 2ª edição

Espiritismo e os Problemas Humanos (O) – Deolindo Amorim/ Hermínio C. Miranda – 2ª edição

Família, o Espírito e o Tempo (A) – Autores Diversos – 1ª edição Família e Espiritismo – Autores Diversos – 4ª edição Idoso no Centro Espírita (O) – Maria Aparecida Valente e Elaine Curti Ramazzini

Laços de Família – Divaldo Pereira Franco / Autores Diversos

Opúsculos:

Atividades Doutrinárias – 3ª edição Aulas para o Jardim

Como Escrever para a Imprensa Espírita – Ivan René Franzolim

Direção de Órgãos de Unificação – Autores Diversos

Evangelização Infantil

Estatuto Social da USE

Manual do Expositor Espírita – 2ª edição

Organização Administrativa e Jurídica

S.A.E. – Grupo de Gestantes

S.A.E. – Grupos do Mães o Grupo de Pais

S.A.E. – Grupo Mirim c Grupo de Jovens

Serviço Assistencial Espírita

Subsídios para Atividades Doutrinárias – 2^o edição Videotcca nas Sociedades Espíritas – Osvaldo Magro Filho

Publicações e produções sobre eventos:

Anais do 8^o Congresso Estadual de Espiritismo (1992)

Apostilas e vídeos – I e II FEMU1N Evangelização Infantil (música)

Fitas de Vídeo do 8^o Congresso Estadual de Espiritismo (2)

Fitas de Vídeo do lançamento da Campanha “Viver em Família” (5) Filas de

Vídeo do Seminário “A Família, o Espírito e o Tempo” (3)

Jornais:

Dirigente Espírita (bimestral)

Meu Jornalzinho (bimestral)

A USE Distribuidora dispõe de títulos de diversas Editoras para atendimento de Centros Espíritas, Livrarias e Bancas do Livro. Condições especiais para Feiras do Livro, sob consulta.

Pedidos para:

USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Rua Dr. Gabriel Piza, 433 – Santana – CEP 02036-011 – São Paulo –

Fone e Fax: (011) 290-8108.